



JULLYANNA NAIR DE CARVALHO

**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ
SOLÚVEL DO BRASIL**

LAVRAS – MG

2014

JULLYANNA NAIR DE CARVALHO

**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ SOLÚVEL DO
BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Gestão de Negócios Economia e Mercados, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Cristina Lelis Leal Calegario

Coorientador

Dr. Luiz Gonzaga de Castro Júnior

LAVRAS – MG

2014

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Coordenadoria de Produtos e
Serviços da Biblioteca Universitária da UFLA**

Carvalho, Jullyanna Nair de.

Desempenho das exportações de café solúvel do Brasil /
Jullyanna Nair de Carvalho. – Lavras : UFLA, 2014.
92 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2014.
Orientador: Cristina Lelis Leal Calegario.
Bibliografia.

1. Café solúvel - Exportação - Desempenho. 2. Vantagem
comparativa revelada. 3. Constant market share. I. Universidade
Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 338.17373

JULLYANNA NAIR DE CARVALHO

**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ SOLÚVEL DO
BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Gestão de Negócios Economia e Mercados, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 de fevereiro de 2014.

Dra. Heloisa Rosa Carvalho	UFLA
Dr. Gladyston Rodrigues Carvalho	EPAMIG
Dr. Luiz Gonzaga de Castro Junior	UFLA

Dra. Cristina Lelis Leal Calegario
Orientadora

LAVRAS – MG

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva da vida.

Aos meus pais Márcia e Sebastião, pelo exemplo de vida e pelo amor, esperança, fé e coragem depositados em mim.

As minhas irmãs Mariana e Pollyanna e ao meu avô João, pelo amor, orações e apoio incondicional durante essa caminhada.

Aos meus amigos, em especial, Letícia, Francylara, Caio e Rafael, pelo companheirismo, paciência, ajuda e momentos de descontração.

Ao meu namorado Daniel, amigo e companheiro de todas as horas, pelo carinho, compreensão e amor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

A minha orientadora Cristina Lelis Leal Calegario, pelos ensinamentos, dedicação e confiança no meu trabalho.

Ao meu coorientador Luiz Gonzaga de Castro Junior pela contribuição oferecida a esse trabalho.

À Universidade Federal de Lavras, em especial, ao Departamento de Administração e Economia, pela minha formação superior e pela oportunidade de cursar a Pós- Graduação.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação.

RESUMO

A participação relativa do Brasil no mercado internacional de café solúvel tem reduzido, apesar de o Brasil ser o maior exportador mundial nesse mercado. Vale destacar que o mercado internacional é o mais relevante para o café solúvel brasileiro, pois mesmo com o aumento do consumo doméstico nos últimos anos, cerca de 75% do solúvel produzido no país é exportado. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi analisar desempenho das exportações brasileiras de café solúvel. A metodologia utilizada foi os modelos Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e *Constant market share* (CMS). O VCR foi analisado no período de 1986 a 2010. Para análise do CMS foram considerados três períodos: 1991-1996 a 1997-2000, 1997-2000 a 2001-2005 e 2001-2005 a 2006-2010. O Brasil possui vantagem comparativa revelada em todo período analisado, embora essa vantagem venha sendo reduzida. Quanto aos efeitos que mais contribuíram para o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel, o efeito competitividade foi o principal contribuinte para a redução das exportações brasileiras de café solúvel, nos dois primeiros períodos. Já no terceiro período analisado, no qual houve um crescimento efetivo das exportações brasileiras de café solúvel, o efeito crescimento do comércio mundial foi o mais importante

Palavras-chave: Desempenho. Exportações. Café solúvel. Vantagem comparativa revelada. Constant market share.

ABSTRACT

The relative participation of Brazil in the international market for soluble coffee has reduced despite Brazil being the world's largest exporter in this market. It is worth noting that the international market is the most relevant for Brazilian soluble coffee, since, even with the increase in domestic consumption in recent years, about 75% of the soluble produced in the country is exported. Thus, the objective of this study was to analyze the performance of Brazilian exports of soluble coffee. The methodologies used were the Revealed Comparative Advantage (RCA) and Constant market share (CMS) models. The RCA was analyzed in the period from 1986 to 2010. In order to analyze the CMS we considered three periods: 1991-1996 to 1997-2000, 1997-2000 to 2001-2005 and 2001-2005 to 2006-2010. Brazil has revealed comparative advantage throughout the analyzed period, although this advantage has been reduced. Regarding the effects that most contributed to the performance of Brazilian soluble coffee exports, the competitiveness effect was responsible in reducing Brazilian soluble coffee exports in the first two periods, while in the third period, in which there was an effective growth of Brazilian soluble coffee exports, the world trade growth effect was the most important.

Keywords: Performance. Exports. Soluble coffee. Revealed Comparative Advantage. Constant market Share.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Evolução da produção de café solúvel mundial e brasileira, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	16
Figura 2	Evolução do consumo doméstico de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	19
Figura 3	Comparação entre produção mundial e consumo doméstico mundial de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.	20
Figura 4	Evolução da produção mundial de <i>Coffea canephora</i> (café robusta), em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.	22
Figura 5	Evolução das exportações de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.....	23
Figura 6	Evolução das importações mundiais de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	25
Figura 7	Evolução da produção brasileira de café robusta, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	27
Figura 8	Evolução da produção brasileira de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	29
Figura 9	Consumo doméstico brasileiro de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.....	30
Figura 10	Evolução das exportações de café solúvel do Brasil, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012	32
Figura 11	Comportamento da produção, exportação e consumo doméstico de café solúvel no Brasil, em mil sacas de 60 kg, de 1960 a 2012	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Exportações brasileiras de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.....	31
Tabela 2	Principais destinos das exportações brasileiras de café solúvel no ano de 2012 e a variação relativa em relação ao ano de 2011 ...	33
Tabela 3	Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS) das exportações de café solúvel do Brasil e de seus principais concorrentes, em relação às exportações mundiais de café solúvel, no período de 1986 a 2010	60
Tabela 4	Valor médio (em mil US\$) das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel e participação do Brasil nas exportações mundiais.....	63
Tabela 5	Taxa média de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel.....	64
Tabela 6	Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período de 1991 a 2010.	66
Tabela 7	Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 1991 a 2000	70
Tabela 8	Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período I (em valor e percentual do crescimento total)	72
Tabela 9	Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 1997 a 2005	75
Tabela 10	Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período II (em valor e percentual do crescimento total).....	77

Tabela 11	Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 2001 a 2010	81
Tabela 12	Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período III (em valor e percentual do crescimento total)	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O problema e sua importância.....	12
1.2	Objetivo	14
1.2.1	Objetivos específicos.....	14
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	15
2.1	Panorama geral do café solúvel.....	15
2.1.1	Cenário mundial do café solúvel.....	15
2.1.2	Cenário brasileiro do café solúvel.....	26
2.2	Determinantes e Barreiras ao Desempenho Exportador de Café Solúvel.....	34
3	REFERENCIAL TEÓRICO	39
3.1	Desempenho do comércio internacional	39
3.2	Vantagem Comparativa Revelada.....	44
4	METODOLOGIA	48
4.1	Vantagem Comparativa Revelada (VCR)	48
4.2	<i>Constant market share</i> (CMS).....	51
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
5.1	Vantagem Comparativa Revelada.....	59
5.2	Análise do <i>Constant market share</i> das exportações brasileiras de café solúvel.....	62
5.2.1	<i>Market share</i> das exportações brasileiras de café solúvel.....	62
5.2.2	Taxa média de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel.....	63
5.2.3	Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel no período de 1991 a 2010.....	65
5.2.3.1	Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período I (1991-1996 a 1997-2000) ...	68
5.2.3.2	Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período II (1997-2000 a 2001-2005)..	74
5.2.3.3	Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período III (2001-2005 a 2007- 2010)	79
6	CONCLUSÕES	86
	REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior produtor, maior exportador e o segundo maior consumidor mundial de café. Atualmente, é responsável por 37% da produção mundial e por 28% das exportações. Os principais destinos das exportações brasileiras de café verde foram Alemanha, Estados Unidos, Itália e Japão; café solúvel foram Rússia, Estados Unidos, Ucrânia e Japão; e café torrado e moído foram Estados Unidos, Itália, Argentina e Japão. Com relação ao mercado interno, foi registrado um consumo de 20,33 milhões de sacas, sendo o consumo per capita de 4,98 kg de café (BRASIL, 2013a).

O segmento exportador brasileiro de café comercializa tanto *Coffea arabica* quanto *Coffea canephora*, sob as formas cru em grão, solúvel, torrado e moído. Segundo dados da International Coffee Organization - ICO (2013), o Brasil exporta 67% do café produzido, sendo 90% desse comércio na forma de café verde e os 10% restantes como café solúvel.

Assim, o agronegócio do café é de uma relevância irrefutável para o Brasil, seja no contexto econômico, social ou cultural, sendo a atividade cafeeira responsável pela geração de emprego, renda e divisas para o país.

Dentro dessa cadeia, deve-se empregar a necessária atenção ao café industrializado, em especial o café solúvel que responde por 21% do consumo mundial) e às inúmeras vantagens decorrentes dessa operação, principalmente quanto ao inquestionável valor agregado, assim como o fato de ser grande fator gerador de empregos para o país (FERREIRA, 2013b).

A exportação de café solúvel é liderada pelo Brasil que, em 2012, exportou 3,300 milhões sacas de 60 kg, o equivalente a aproximadamente 27% da exportação mundial que foram 13,450 milhões de sacas de 60 kg (UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA, 2013). Com relação ao consumo de café solúvel, verifica-se uma expansão do mercado interno.

Observa-se esse fato também em importantes mercados internacionais, com estimativas de que, em 2015, aproximadamente 52% do consumo mundial seja na forma de solúvel (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ SOLÚVEL - ABICS, 2013).

Atualmente, a indústria de café solúvel no Brasil é composta por 7 empresas exportadoras – Café Solúvel Brasília S.A; Cia. Cacique de Café Solúvel; Cia. Iguazu de Café Solúvel; Cia Mogi de Café Solúvel; Cocam Cia. De Café Solúvel e Derivados; Nestlé Brasil; Real Café Solúvel do Brasil S.A. Contudo, já existiram no país 11 empresas fabricantes de café solúvel, as quais eram associadas à Associação Brasileira de Café Solúvel (ABICS). Além disso, há mais de 40 anos não ocorre abertura de uma nova firma no país (ABICS, 2013; FERREIRA, 2013b; NEVES, 2008).

É importante salientar que, mesmo o país sendo um dos maiores produtores da matéria - prima usada na fabricação de solúvel e inovando para atender às necessidades do mercado, Nishijima e Saes (2006) apontam que, em meados da década de 90, o país começou a ter redução da participação relativa no mercado mundial de café solúvel.

Essa realidade vem sendo sustentada há mais de uma década, se contrapondo ao cenário mundial. Atualmente, as exportações brasileiras de café solúvel ainda vivenciam uma fase de estagnação.

1.1 O problema e sua importância

O Brasil é o maior exportador mundial de café solúvel. Todavia, tem reduzido sua participação relativa nesse mercado, pois mesmo aumentando seu volume de exportação, o mercado mundial cresceu mais que proporcionalmente, acarretando numa queda de participação por parte do Brasil. De acordo com Nishijima e Saes (2006, p. 4), a redução da participação relativa brasileira no

mercado mundial ocorreu em razão da “incapacidade de ofertar para novos consumidores ou de ampliar a oferta para os consumidores tradicionais”.

Vale destacar que o mercado internacional é o mais relevante para o café solúvel brasileiro. Mesmo com o aumento do consumo doméstico nos últimos anos, cerca de 75% do solúvel produzido no país é exportado. Em 2012, exportaram-se 3.300 mil sacas e foram consumidas 1.110 mil (USDA, 2013). Dessa forma, verifica-se dependência da indústria brasileira de café solúvel em relação à situação econômico-financeira e tributária do mercado internacional.

Nesse contexto, tendo em vista a importância da produção e exportação brasileira de café solúvel, como forma de agregar valor ao café verde e gerar mais divisas para o país; a contradição entre o potencial brasileiro para a produção do produto e a redução da participação relativa do país no mercado externo e, sabendo-se que a indústria brasileira de café solúvel vivencia um processo de estagnação em suas exportações já há alguns anos, torna-se importante analisar o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel.

Além disso, verifica-se que há poucos estudos relacionados ao mercado de café solúvel, embora haja uma infinidade de trabalhos que tratam da cafeicultura em geral.

Questiona-se, então, se o Brasil possui vantagem comparativa na exportação de café solúvel? Quais efeitos compõem a taxa de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel? Como está a competitividade do café solúvel brasileiro no mercado internacional? Assim, este estudo visa a fornecer subsídios para o Brasil ampliar sua participação no mercado internacional e garantir competitividade.

1.2 Objetivo

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel.

1.2.1 Objetivos específicos

- a) Avaliar a Vantagem Comparativa Revelada (VCR) das exportações brasileiras de café solúvel no período de 1986 a 2010.
- b) Analisar o *market share* das exportações brasileiras de café solúvel, no período de 1991 a 2010.
- c) Identificar as fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período de 1991 a 2010.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Panorama geral do café solúvel

Neste tópico, objetivou-se apresentar uma visão panorâmica do café solúvel em termos mundial e brasileiro, por meio de uma síntese dos principais parâmetros da produção, comercialização e consumo do café solúvel, proporcionando uma contextualização setorial no período de estudo.

2.1.1 Cenário mundial do café solúvel

A produção mundial de café solúvel tem expandido a cada ano. Esse fato é decorrente do aumento da demanda mundial por café solúvel, a qual está estimada em um crescimento de 3% ao ano. Em 2012, a quantidade produzida mundialmente de café solúvel foi de aproximadamente 20 milhões de sacas de 60 kg e o Brasil foi responsável por 22,5% da produção. A evolução da produção mundial e brasileira de café solúvel, no período de 1960 a 2012, pode ser verificada na Figura 1. Vale destacar que, por falta de dados referentes à produção de café solúvel, esta foi calculada com base nos dados de exportação, consumo doméstico e importação, disponibilizados pelo USDA. Trata-se, portanto, de uma estimativa da produção.

O crescimento da produção mundial entre os anos de 1960 e 2012 é visivelmente grande, a quantidade produzida passou de 735 mil para 19,635 milhões de sacas de 60 kg. O Brasil apresentou uma variação de 25 mil para 4,410 milhões de sacas, no mesmo período (USDA, 2013).

Observa-se que, até por volta do fim da década de 90, a produção mundial se desenvolveu de acordo com a produção brasileira, mas, a partir desse período a produção do país se manteve por volta de uma média de 3,5 milhões,

enquanto que a produção mundial teve um crescimento acelerado. Isso evidencia um aumento da participação de outros países na produção de café solúvel, refletindo em um aumento da produção mundial.

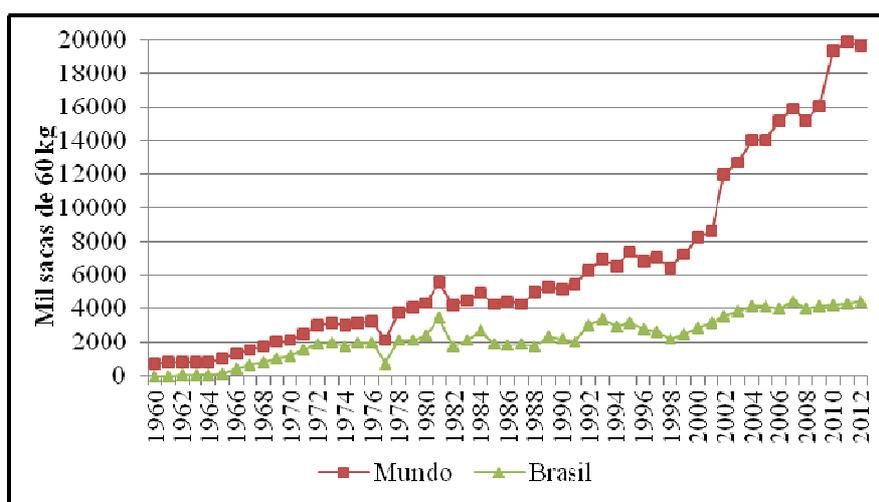


Figura 1 Evolução da produção de café solúvel mundial e brasileira, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

A produção brasileira de café robusta não é suficiente para atender às demandas externa e interna (fábricas de solúvel), mesmo com o crescimento ocorrido nos últimos anos. Segundo Ferreira (2013b), a demanda total pela variedade robusta no Brasil é de aproximadamente 15 milhões de sacas de 60 kg, enquanto a produção doméstica gira em torno de 12,5 milhões. Destaca-se que, por volta de 85% da produção brasileira de robusta, em 2012, foi utilizada pela indústria de solúvel.

O ininterrupto crescimento do consumo global de café, sobretudo solúvel e em países emergentes, tem ocasionado significativas alterações no comércio do produto. De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa

Agropecuária - EMBRAPA (2013), todos os principais blocos comerciais do mundo estão mostrando expressivo crescimento na demanda por café solúvel acima do café torrado ou moído.

O café solúvel é percebido pelos novos consumidores como sendo mais prático e mais econômico. Por isso, pode ser apontado como um estimulador do consumo em mercados emergentes, como a China, Ex-Repúblicas soviéticas e em toda região asiática, onde a performance das exportações brasileiras de café solúvel não são boas (FERREIRA, 2013b).

Além disso, há um potencial de crescimento do consumo de café solúvel em países tradicionalmente consumidores de chá. Esse acontecimento foi verificado no Japão, cuja população tinha tradição em consumir chá, mas, a partir de 1990, optou pelo consumo de café, este ultrapassando o de chá (NIRO COFFEE, 2013). O consumo de café solúvel aumentará em outros países como China e Índia (BRANDO; LIMA, 2006), podendo provocar um significativo aumento das exportações de café solúvel, pelo tamanho da população que esses países apresentam. Dessa forma, observa-se que o consumo mundial está em aquecimento e alicerçado, principalmente, nos mercados emergentes.

Conforme dados da USDA, o consumo mundial de café solúvel na safra 2012 atingiu cerca de 18 milhões de sacas, que representam 12% do consumo mundial de café total (em grão e solúvel). Entre os principais países/blocos consumidores de café solúvel em 2012, destacaram-se Filipinas, União Europeia¹ (27), Rússia, Canadá e Brasil. Sendo que Filipinas, Rússia e União Europeia (27) respondem, em conjunto, por 40% do consumo mundial da

¹ A União Europeia constitui-se de 27 países participantes: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Romênia, Suécia, Polônia, República Checa, Hungria, Eslováquia, Grécia, Eslovênia, Lituânia, Letônia, Estônia, Chipre, Malta e Bulgária.

bebida. Na Figura 2, apresenta-se a evolução do consumo doméstico de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, entre os anos de 1960 e 2012.

O consumo de solúvel no mundo cresceu a uma taxa anual de aproximadamente 3% de 2005 a 2011 e, segundo Saoud (2011), até 2015 o crescimento deverá ser mantido a uma taxa de 2,7 %. O autor ressalta que o consumo de solúvel, entre 2005 e 2010, obteve um crescimento diferenciado em seis países: Brasil (3,0%), Indonésia (3,5%), Tailândia (7,0%), Filipinas (3,8%), Malásia (4,0%), Índia (3,0%) e China (7,3%). Saoud (2011) ainda afirma que, com um crescimento anual a taxas superiores a 3%, o que deverá acontecer até 2020, o incremento na demanda mundial da variedade robusta será em torno de 3 milhões de sacas.

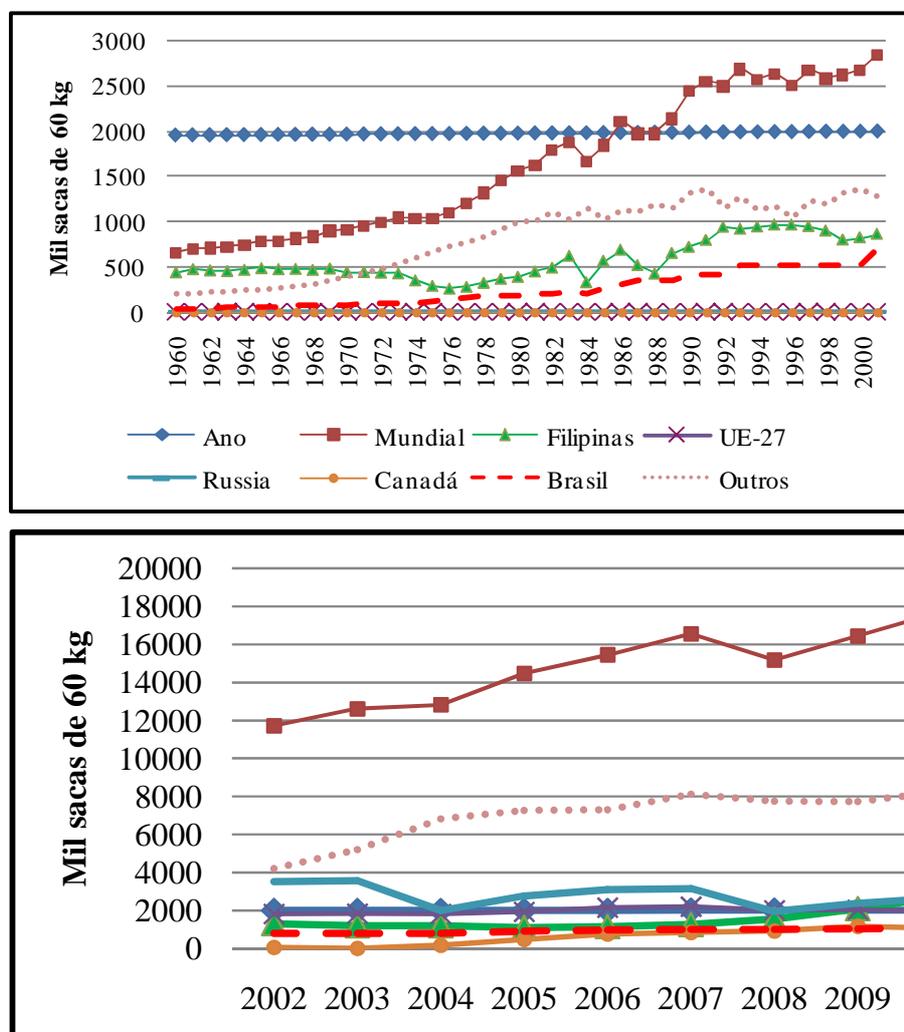


Figura 2 Evolução do consumo doméstico de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

Por meio de uma comparação entre a produção mundial e o consumo doméstico mundial de café solúvel (Figura 3), verifica-se que, até o ano de 2001, a produção era mais que suficiente para atender ao consumo. Em 2002, é

observado um aumento abrupto no consumo, perdurando até os dias de hoje, com tendência a maiores elevações, conforme já mencionado. Consta-se também que a produção se encontra bem próxima do consumo, a partir desse período, havendo necessidade de expansão da mesma.

Caixeta, Leite e Oliveira (1989), em seus estudos, identificaram períodos em que a produção brasileira de café foi menor do que a sua demanda de exportação e consumo interno, sendo o suprimento do mercado efetuado, em parte, pela utilização de estoques. Dessa forma, é importante destacar que em épocas em que a produção mundial foi inferior ao consumo, o abastecimento do mercado ocorreu por meio de estoques existentes.

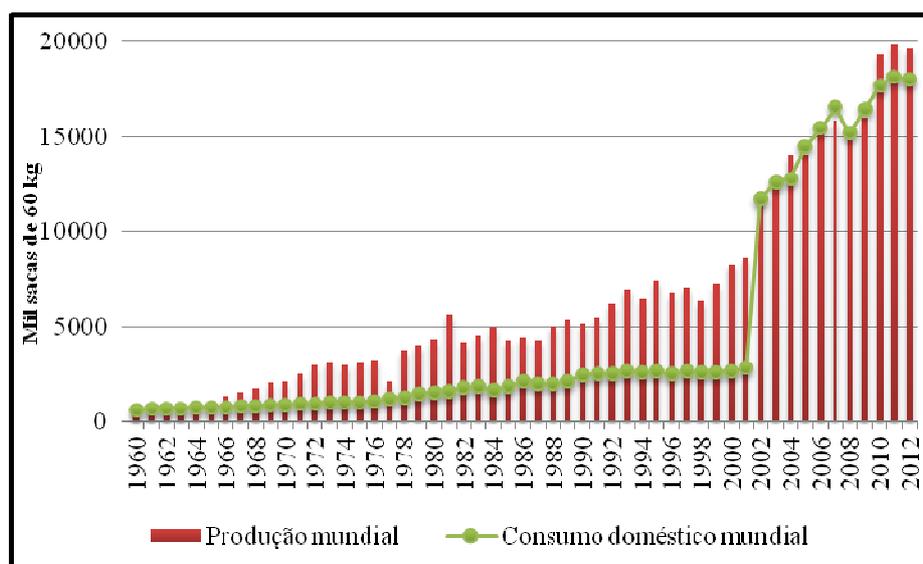


Figura 3 Comparação entre produção mundial e consumo doméstico mundial de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.

Fonte: USDA (2013)

Para atender a essa crescente demanda por café solúvel logicamente é imprescindível um aumento da produção do mesmo. Uma vez que o principal

insumo para a fabricação desse produto é o café robusta, na mesma linha de raciocínio, a produção desse tipo de café deverá seguir uma tendência de crescimento.

A produção mundial de café robusta encontra-se concentrada em um número reduzido de países, sendo que apenas três nações são responsáveis por mais da metade do volume total comercializado. Entre os principais produtores, em 2012, destacaram-se o Vietnã, Brasil e Indonésia. Nesse período, o total produzido mundialmente foi cerca de 61,5 milhões de sacas e, os três países acima mencionados foram responsáveis por aproximadamente 78% do volume total, no referido ano.

O Vietnã produz quase que exclusivamente café robusta (NISHIJIMA; SAES, 2006) e elevou sua produção em 13 milhões de sacas de 1999 a 2012. É o maior exportador mundial dessa variedade, representando 40% do mercado mundial em 2012. O Brasil é o segundo maior exportador, com 25% do comércio mundial, na mesma data. A evolução da produção dos principais países produtores de café robusta, entre os anos de 1960 e 2012, pode ser observada na Figura 4.

A entrada do Vietnã no mercado internacional de café faz com que os custos do café verde robusta interno do Brasil se elevem, dificultando a oferta brasileira de café solúvel a preços competitivos (SAES; NISHIJIMA, 2007). A partir de 1995, o Vietnã assumiu a posição de maior produtor de robusta se mantendo até os dias de hoje, com uma ressalva apenas em 2002, ano em que a produção brasileira superou a produção vietnamita.

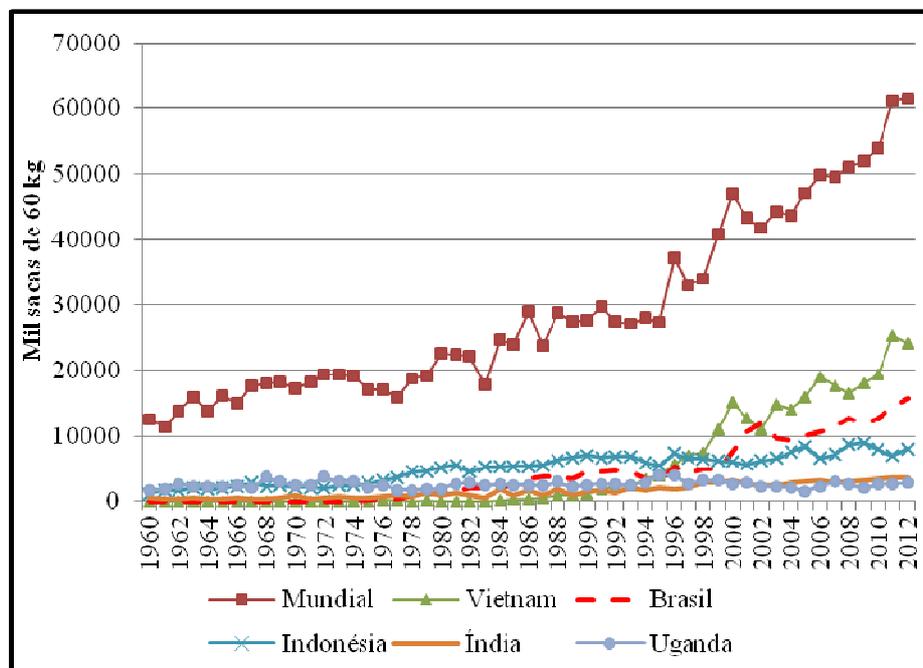


Figura 4 Evolução da produção mundial de *Coffea canephora* (café robusta), em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012.

Fonte: USDA (2013)

No que se refere às exportações de café solúvel, o Brasil, a Indonésia e a Malásia são os maiores exportadores e responsáveis por mais da metade do abastecimento mundial, conforme pode ser visualizado na Figura 5.

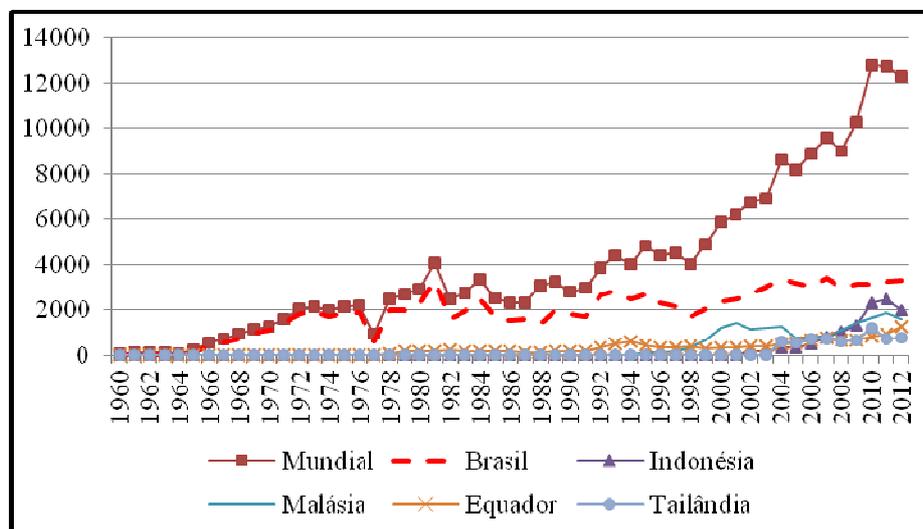


Figura 5 Evolução das exportações de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

O Brasil se constituiu no maior exportador mundial de café solúvel. Verifica-se, por meio da Figura 2, que até 1978, o Brasil era responsável por praticamente quase toda a exportação de solúvel. Contudo, de acordo com Nishijima e Saes (2006), desde 1993 vem perdendo sua participação relativa no mercado mundial. Entre os anos de 1992 e 1995 assegurava 31% do mercado, percentual este que passou a ser de apenas 15%, após 1998. Mesmo com a perda relativa de participação no mercado, o Brasil acresceu seu volume de exportação em 14% entre 1993 e 2004, porém o mercado mundial cresceu mais que proporcionalmente, apresentando uma taxa de crescimento de 95%.

Segundo dados do USDA (2013), em 2012 os principais exportadores de café solúvel foram Brasil (3236 mil t); Indonésia (2500 mil t); Malásia (1950 mil t); Índia (1475 mil t); Equador (946 mil t); México (750 mil t); Tailândia (735 mil t); Colômbia (610 mil t); Vietnã (450 mil t).

A Indonésia, comparativamente aos maiores exportadores é o país que vem apresentando o maior crescimento no volume de exportações de café solúvel. Passaram de 200 mil sacas no ano de 2002, quando iniciou suas exportações para 2 milhões de sacas em 2012. O Equador também tem aumentado consideravelmente suas exportações de café solúvel, passando de uma quantidade de 377 mil sacas para 1,275 mil sacas, no mesmo período. Já, o Brasil teve um aumento de aproximadamente 600 mil sacas entre 2002 e 2012, mas continua sendo líder nas exportações.

Com relação às importações mundiais, atualmente os países responsáveis pela maior parte do total importado Estados Unidos, Rússia, Ucrânia, Argentina, Japão, Alemanha e Reino Unido. Destaca-se que, até o ano de 2001, os principais importadores eram Malásia, Peru, Filipinas e Nigéria, mas após a inserção da Rússia e demais países no mercado importador esse cenário sofreu modificações. Na Figura 6, apresenta-se a evolução das importações mundiais de café solúvel no período de 1960 a 2012.

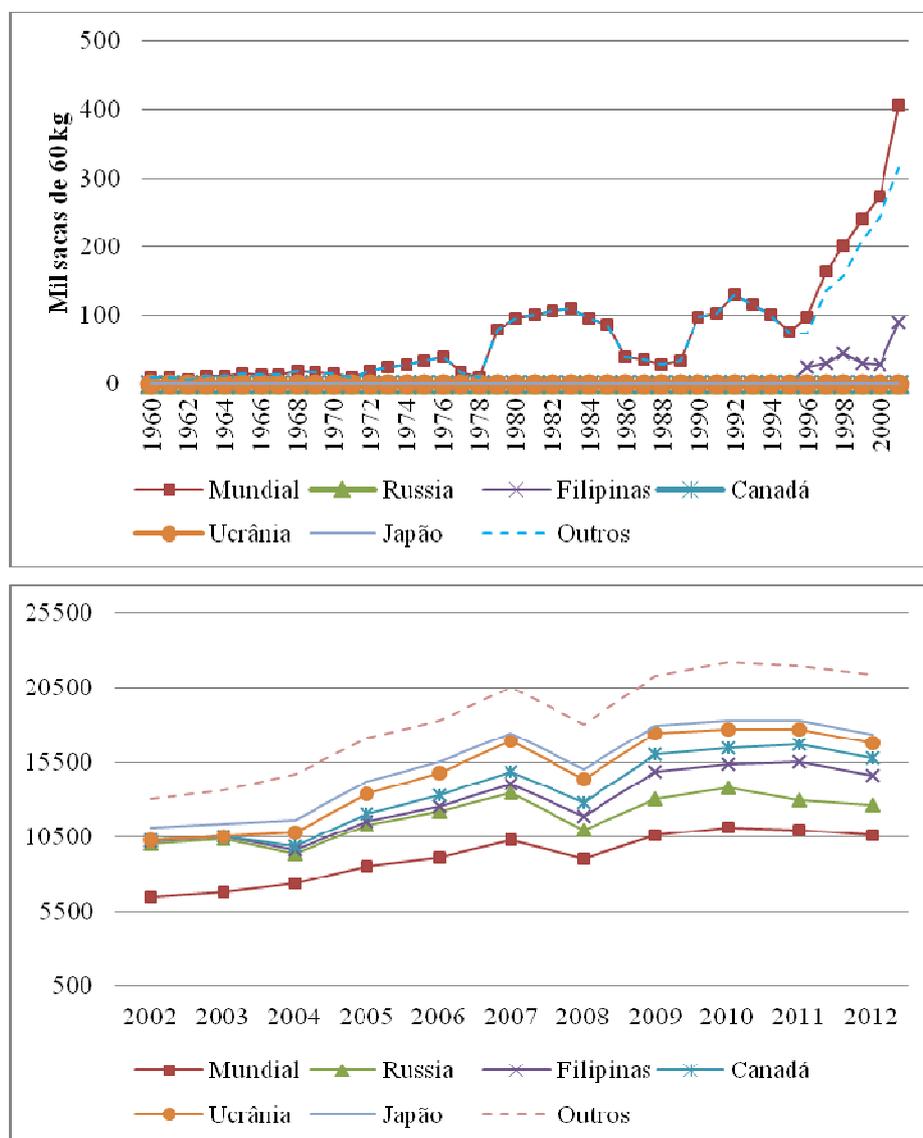


Figura 6 Evolução das importações mundiais de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

Em síntese, o cenário mundial de café solúvel tem passado por grandes transformações na produção, consumo e comércio. O contínuo crescimento do consumo mundial em países emergentes tem ocasionado alterações importantes no comércio do produto. Segundo Ferreira (2013a), tendo em vista essa expansão, tradicionais produtores e exportadores de café robusta, matéria-prima para o café solúvel, têm aumentado as importações daqueles visando a ampliar as exportações desses. As exportações da bebida instantânea por países produtores têm aumentado continuamente, desde o ano de 2000, puxadas principalmente pelo Brasil, Índia, Colômbia e Equador.

Nesse quadro de mudanças, a Índia é um dos países que mais aumentam a produção e exportação de café solúvel. O país asiático exporta robusta de melhor qualidade e importa o grão do Vietnã e da Indonésia para a fabricação do café solúvel (FERREIRA, 2013a). Dessa forma, verifica-se que a Índia é um potencial concorrente do Brasil.

2.1.2 Cenário brasileiro do café solúvel

A produção nacional de café robusta, principal matéria-prima para a fabricação de café solúvel, concentra-se no Estado do Espírito Santo, o qual, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2013), foi responsável por 77% da produção, em 2012. O estado possui uma área plantada em torno de 193.650 hectares e produtividade de aproximadamente 30 sacas por hectare.

De acordo com USDA (2013), a produção brasileira de café robusta de forma geral tem se elevado, desde o início do cultivo até os dias de hoje, salvo algumas exceções como nos anos de 1995, 2003 e 2004, períodos em que houve maior queda na produção. A redução ocorrida nos anos de 2003 e 2004 pode ter origem em vários fatores como abandono de áreas, erradicação de lavouras

antigas, práticas culturais como podas e recepas, redução de adubações, clima desfavorável, etc. (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB, 2013). Na Figura 7, demonstra-se como se desenvolveu a produção brasileira de café robusta, de 1960 a 2012.

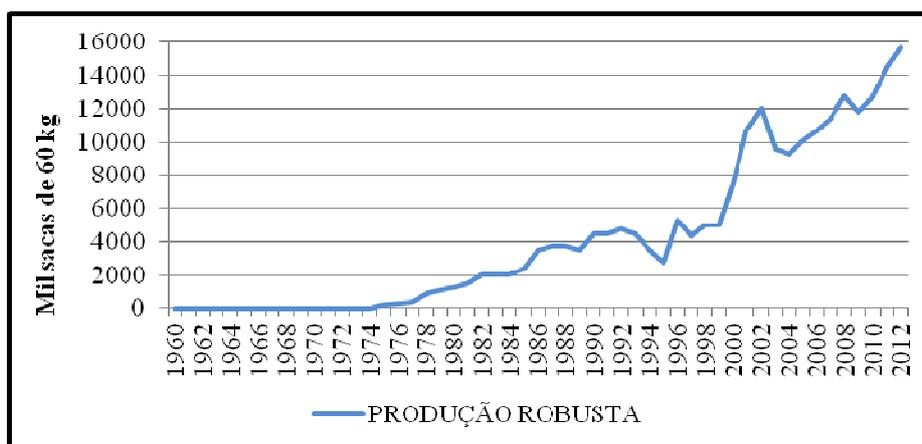


Figura 7 Evolução da produção brasileira de café robusta, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

O Brasil, mesmo ocupando a posição de maior produtor de café do mundo, implementou a indústria de café solúvel, voltada para exportação, tardiamente. Apenas na década de 60, por meio da resolução do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o governo brasileiro forneceu incentivos para a produção de café solúvel (NEVES, 2009). O objetivo do governo era reduzir os elevados gastos com estoques de café verde de baixa qualidade, que não se adequavam às IBC para atendimento da demanda externa. Denominados grãos de escolha ou *grinders*, correspondiam aos restos de grãos quebrados ou pequenos, constituindo mais de 25% da produção anual daquele ano (SAES,

1997). Assim, a indústria de café solúvel foi concebida como alternativa para os onerosos estoques públicos inadequados para a exportação.

Na década de 50, já havia uma indústria de café solúvel no Brasil, porém possuía origem estrangeira e sua produção era voltada para o mercado interno (NEVES, 2008). Em 1965, iniciaram os trabalhos das primeiras fábricas de café solúvel brasileiras, os quais tiveram rápida aceitação, pois utilizavam, como insumo principal, o café arábica, enquanto EUA e Europa tinham como matéria-prima o café robusta, de sabor inferior (DUQUE, 1970). Desde então, esse segmento abriu novos mercados para as exportações brasileiras e ganhou gradativamente competitividade em nível internacional, conseguindo fatias crescentes do mercado mundial, transformando o Brasil no maior exportador de café solúvel (SAES, 1997).

A indústria brasileira de café solúvel procura moldar-se às exigências do mercado. Nesse contexto, Nishijima e Saes (2006) afirmam que não há uma única forma de comercialização do produto, sendo as exportações em quatro formas: a granel *spray dried*; a granel *freeze dried*; embalado e extrato.

O processo de obtenção de solúvel *spray drying* utiliza de altas temperaturas e pressões para evaporação do extrato aquoso. Já, a técnica *freeze drying* ou liofilização utiliza de baixas temperaturas para sublimação do extrato aquoso congelado, não ocorrendo perda das propriedades originais, garantindo assim, a qualidade do produto.

A forma a granel é considerada uma inovação no processo de comercialização mundial e possui vantagens de custos em comparação aos compradores estrangeiros (ZYLBERSZTAJN et al., 1993). O café embalado é uma estratégia de agregação de valor, por meio da diferenciação do produto. E o extrato é utilizado em máquinas de pronto atendimento para fazer bebidas à base de café (NISHIJIMA; SAES, 2006).

Contudo, firmas de café solúvel não veem atrativos para se instalarem no Brasil, haja vista a sobretaxa incidente sobre o produto brasileiro quando exportado para UE e problemas relacionados a custos do insumo para a produção de robusta. Assim, a produção de café solúvel se mantém em um patamar entre 4 e 4,5 milhões de sacas de 60 kg há praticamente uma década. Pode-se observar a evolução das exportações brasileiras de café solúvel, entre 1960 e 2012, pela Figura 8.

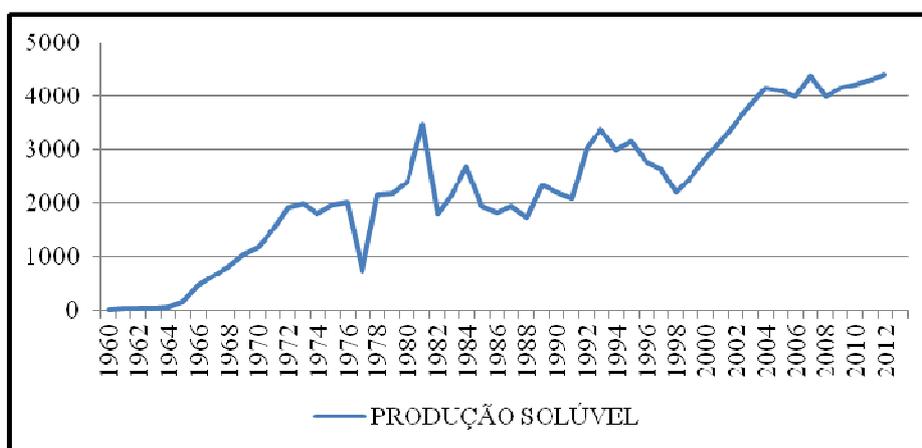


Figura 8 Evolução da produção brasileira de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

Em relação ao consumo de café solúvel no mercado interno, o Brasil tem se revelado um mercado crescente nos últimos anos, embora as taxas sejam pequenas na Figura 9, apresenta-se o consumo doméstico de café solúvel no Brasil, de 1960 a 2012. Para Saes e Nishijima (2007), o consumo de café solúvel interno é ainda pouco significativo em comparação com as nações grandes consumidoras.

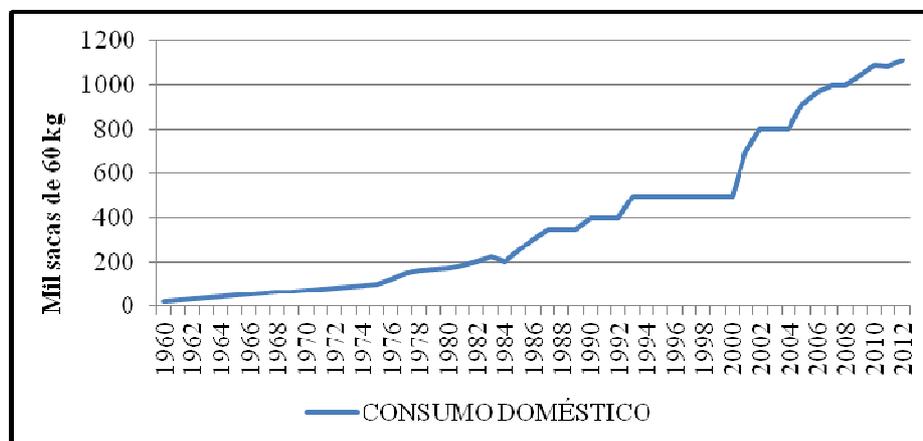


Figura 9 Consumo doméstico brasileiro de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

No que diz respeito às exportações, segundo Saes e Nishijima (2007), o café solúvel brasileiro se inseriu nesse mercado por meio de empresas já estabelecidas e pertencentes a grandes grupos no ramo de alimentos. Conforme as autoras, em 2003, seis firmas de café solúvel respondiam por mais de 90% das exportações, sendo que 73% das mesmas estavam concentradas nas três maiores.

Uma particularidade das exportações brasileiras de café solúvel é que grande quantidade é vendida a granel. Segundo a ABICS (2013), a partir de 2001 mais de 46% do total exportado é nessa forma, sendo a parcela restante vendida com marcas próprias ou na forma de extrado. Saes e Nishijima (2007) afirmam que a venda a granel ocorre nessa proporção, porque fábricas de café solúvel nos EUA, maior importador do produto brasileiro, operam em capacidade ociosa, dessa forma compram o produto brasileiro a granel e embalam, utilizando marcas próprias.

As exportações brasileiras de café solúvel passaram por grandes oscilações ao longo de sua trajetória. Na Tabela 1, apresentam-se as quantidades

exportadas de café solúvel pelo Brasil, de 1960 a 2012 e na Figura 10, permite-se uma melhor visualização do comportamento dessa série histórica das exportações brasileiras. Cabe destacar que o Brasil começou a exportar esse produto no ano de 1961.

Tabela 1 Exportações brasileiras de café solúvel, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 2012

Ano	Exportação	Ano	Exportação	Ano	Exportação
1960	0	1978	2000	1996	2290
1961	1	1979	2000	1997	2147
1962	1	1980	2250	1998	1700
1963	2	1981	3300	1999	2010
1964	8	1982	1600	2000	2365
1965	107	1983	1939	2001	2475
1966	395	1984	2500	2002	2710
1967	584	1985	1700	2003	3030
1968	750	1986	1540	2004	3370
1969	982	1987	1600	2005	3193
1970	1101	1988	1400	2006	3020
1971	1437	1989	2000	2007	3395
1972	1837	1990	1800	2008	2991
1973	1908	1991	1695	2009	3120
1974	1711	1992	2645	2010	3140
1975	1873	1993	2881	2011	3236
1976	1883	1994	2486	2012	3300
1977	600	1995	2670		

Fonte: USDA (2013)

Observa-se uma redução significativa da participação brasileira nas exportações de café solúvel. De acordo com Sereia, Camara e Cintra (2008), pelo fato de as indústrias de solúvel estarem voltadas para o mercado externo, há prejuízos decorrentes do aumento da produção de café robusta na Ásia, das

barreiras tarifárias na UE e dos tributos. Assim, esses fatores são responsáveis pela participação decrescente das exportações brasileiras.

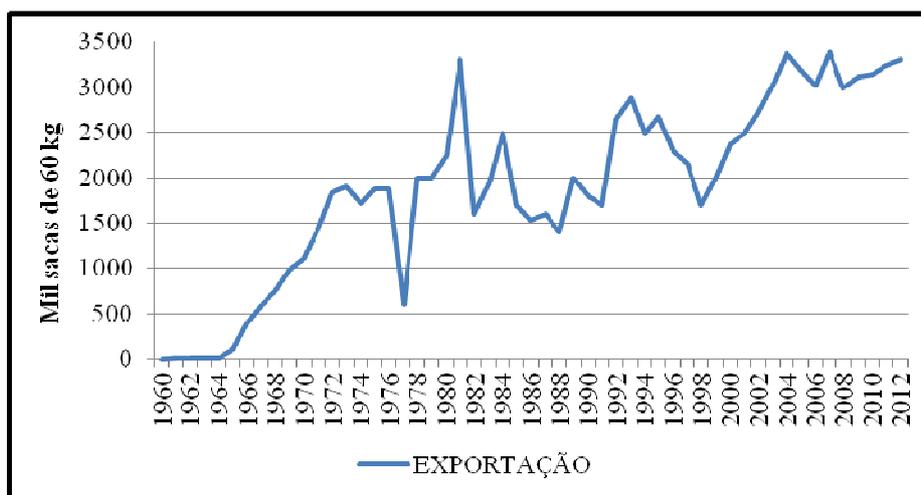


Figura 10 Evolução das exportações de café solúvel do Brasil, em mil sacas de 60 kg, no período de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

Na Tabela 2, são apresentados os principais mercados de café solúvel brasileiro, em 2012 a variação percentual em relação ao ano de 2011. Os principais destinos das exportações brasileiras, em 2012, foram EUA, Rússia, Ucrânia, Argentina, Japão, Alemanha, Reino Unido, Indonésia, Coreia do Sul e Hungria, em ordem decrescente de importância de volume exportado (BRASIL, 2013b). Vale salientar que Reino Unido, Alemanha, Hungria e Malásia foram os países que tiveram maior aumento de importação do café solúvel do Brasil, do ano de 2011 para 2012. Apresentaram uma variação relativa aproximada de 102%, 59, %, 32% e 23% respectivamente. Já, alguns outros países tiveram uma variação relativa reduzida na mesma data, a saber: Finlândia (-42,91%), Canadá (-16,13%), Indonésia (-15,74%) e Argentina (-14,62%).

Tabela 2 Principais destinos das exportações brasileiras de café solúvel no ano de 2012 e a variação relativa em relação ao ano de 2011

Destino	2012		2011		Variação Relativa 2012/2011 (%)
	Quantidade (t)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)	
EUA	12.104	15	14.000	17	-13,54
Rússia	9.739	12	8.209	10	18,64
Ucrânia	5.395	7	5.681	7	-5,03
Argentina	5.213	7	6.106	8	-14,62
Japão	4.911	6	4.716	6	4,13
Alemanha	4.484	6	2.814	4	59,35
Reino Unido	3.418	4	1.696	2	101,53
Indonésia	2.831	4	3.360	4	-15,74
Coreia Sul	2.607	3	2.347	3	11,08
Hungria	2.136	3	1.620	2	31,85
Canadá	2.117	3	2.524	3	-16,13
Malásia	1.846	2	1.501	2	22,98
Cingapura	1.661	2	1.457	2	14,00
Finlândia	1.144	1	2.004	3	-42,91
Arábia Saudita	959	1	952	1	0,74
Outros	19.403	24	21.089	26	-7,99
Total	79.968	100	80.076	100	-0,13

Fonte: Brasil (2013b)

Uma comparação do desempenho do Brasil em relação à produção, exportação e consumo de café solúvel, no período compreendido entre 1960 e 2012 é apresentada na Figura 11. Observa-se que o comportamento das exportações segue exatamente o padrão da série de produção. Isso deve-se ao fato de que mais de 75% da produção de café solúvel no país é destinada às

exportações. Além disso, o consumo interno é baixo quando comparado a outros países, apesar de estar crescendo nos últimos anos.

Verifica-se, também, que a partir do momento em que a demanda interna por café solúvel teve uma maior elevação, por volta do ano 2000, a produção também foi ampliada. Mas, ainda assim, a produção continua refletindo na configurações das exportações, ou seja, períodos em que há menor produção, diminui-se também as exportações e, épocas de produção mais elevada faz aumentar a quantidade exportada de café solúvel.

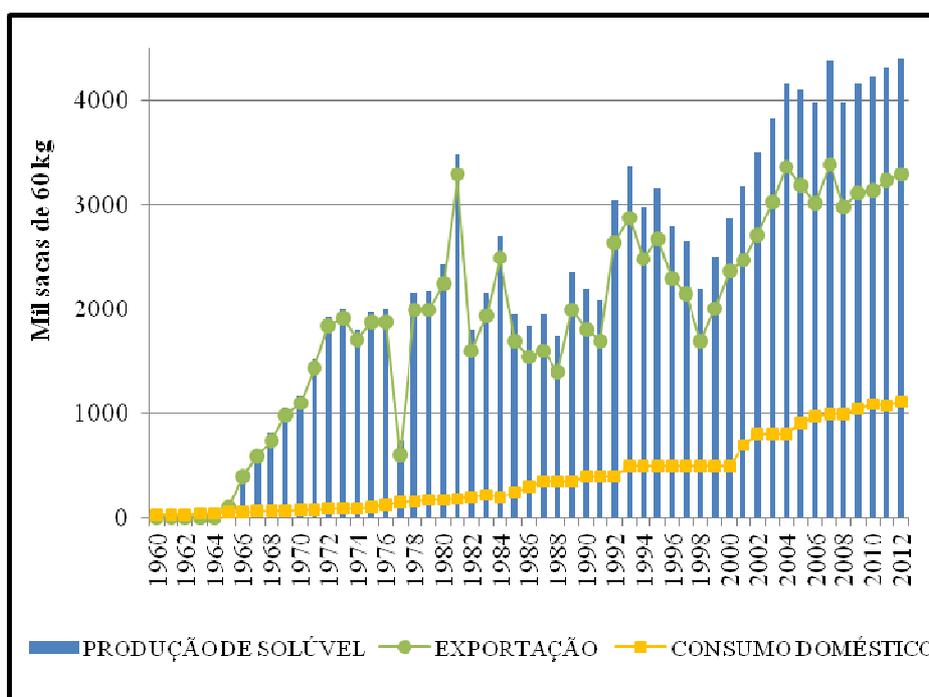


Figura 11 Comportamento da produção, exportação e consumo doméstico de café solúvel no Brasil, em mil sacas de 60 kg, de 1960 a 2012

Fonte: USDA (2013)

2.2 Determinantes e Barreiras ao Desempenho Exportador de Café Solúvel

O cenário de perda gradual de mercado que o café solúvel brasileiro apresenta, tem a perspectiva de agravamento, em decorrência da desmotivação da indústria brasileira e a ampliação na industrialização de café solúvel no continente asiático, especialmente na Índia (SOUZA et al., 2013). Dados do USDA apontam que as exportações de café solúvel da indústria brasileira cresceram apenas 1,9% em 2012, sendo a quantidade exportada de 3,3 milhões de sacas de 60 kg.

Nishijima e Saes (2006) destacam que o aumento das exportações mundiais foi decorrente da comercialização dos países tradicionalmente consumidores e não produtores. Ou seja, países que não produzem café verde expandiram suas parcelas do mercado de solúvel em função da grande quantidade de matéria - prima disponível e, do baixo preço da mesma. Além disso, a elevação da quantidade exportada mundialmente foi seguida pelo decréscimo dos preços obtidos pelos exportadores brasileiros no mercado internacional, acarretando em menor lucratividade dos produtores brasileiros, fato esse, associado ao aumento da concorrência.

De acordo com Neves (2005), as firmas brasileiras enfrentam fortes barreiras internas e externas para o aumento de suas exportações. Internamente, as empresas nacionais não podem importar café verde pelo regime de *drawback*², o qual contempla a suspensão ou erradicação de tributos incidentes sobre insumos importados para utilização em produto exportado. Além disso, o autor explica que há cobrança de ICMS nas compras interestaduais de café verde, sendo difícil o reembolso desse crédito, pois são repassados com deságio. Como não incide ICMS sobre o café verde exportado pelo Brasil, as firmas locais dos países compradores, são favorecidas. Externamente, o café solúvel é taxado em alguns países, sobretudo pela UE. Para Nishijima e Saes (2006), as tarifas

² O *drawback*, criado em 1966, é um regime aduaneiro especial que consiste na suspensão, isenção ou restituição dos tributos incidentes nos produtos utilizados no processo produtivo de bem exportado, a exportar ou a fornecer.

discriminatórias impactam diretamente de forma negativa sobre a demanda mundial pelo café solúvel brasileiro.

Essas dificuldades enfrentadas pela expansão desse setor ocorrem desde a década de 1990. Em 1991, entrou em vigor o Sistema Geral de Preferências (SGP)³, o qual isentava de tarifas as importações de café solúvel originárias dos países membros do Pacto Andino⁴, sob alegação de uma política de combate ao narcotráfico, caracterizado como Regime de Drogas (RD). Em 1992, a isenção tarifária foi estendida aos países da América Central: Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá. A Venezuela foi incluída em 1995. O SGP manteve taxa de 9% sobre a importação do café solúvel brasileiro e 8,5% sobre o México e a Índia (NISHIJIMA; SAES, 2010).

As autoras ainda explicam que os europeus possuíam ativos específicos das empresas brasileiras de café solúvel, em função disso, durante os primeiros anos do SGP, os produtores brasileiros diminuíram suas margens de lucros e se mantiveram no mercado. O auge das exportações brasileiras de café solúvel para UE foi em 1993, depois dessa data a Colômbia, o Equador e a Costa do Marfim aumentaram sua participação no mercado.

Em 1996, houve uma reavaliação do SGP por parte da UE e a cobrança de tarifas passou a ser de acordo com o desenvolvimento econômico dos países. O Brasil foi considerado desenvolvido e, em 1997, o imposto incidente sobre o café solúvel era de 10,1%. Após várias tentativas de negociações brasileiras, a UE criou um sistema de cotas para o Brasil, no ano de 2001. Esse sistema, segundo *Official Journal of the European Communities - OJEC* (2001), estabelecia cotas anuais de volume de exportação que deveriam ser divididas

³ O Sistema Geral de Preferências (SGP) foi criado em 1970, no âmbito da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), permite aos países desenvolvidos conceder isenção ou redução do imposto de importação sobre determinados produtos procedentes de países em desenvolvimento.

⁴ O Pacto Andino é um bloco econômico da América do Sul composto por quatro países membros, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia.

entre os países nos quais incidiam taxas sobre o café solúvel, sendo que quantidades acima da cota continuavam sendo taxadas a 9%.

A restrição de mercado apresenta uma tendência de crescimento, na medida em que novos países aderem à União Europeia. Países livres dos impostos passam a exercer uma concorrência desleal. Além disso, a sobretaxação também acarreta em desvios de investimentos no Brasil, uma vez que a instalação de indústrias no país não é vista como atrativa. O quadro brasileiro ainda poderá se agravar com a eliminação do SGP, prevista para 2014.

Além da UE e dos países do leste europeu, países como a China e México também praticam tarifas discriminatórias sobre o café solúvel brasileiro, de 30% e 141%, respectivamente (MALTA, 2006). A Rússia e a Ucrânia, tradicionais importadores do café solúvel brasileiro, também praticam a taxaçoão sobre esse produto, de 15% e 30 %, respectivamente (NISHIJIMA; SAES, 2010). Há também discriminação tarifária imposta pelo Japão, que desde 2010 reduz 25% a cada ano um imposto de importação de 8,8% para o solúvel, em favor de 10 países asiáticos e em oposição aos interesses dos outros exportadores, como o Brasil (ABICS, 2013). Os Estados Unidos (EUA) não taxam o café solúvel brasileiro (USDA, 2013).

Esses entraves enfrentados pelos exportadores brasileiros de café solúvel, conforme Nishijima e Saes (2006), foram responsáveis pelo fechamento de quatro firmas de café solúvel no Brasil, enquanto em outros países ocorreu um crescimento no número de empresas. Alguns países como Alemanha e Malásia aumentaram significativamente suas exportações de café solúvel, tendo um impacto negativo nas exportações brasileiras desse produto. Ainda de acordo com os autores, a taxaçoão discriminatória afeta negativamente a demanda mundial pelo café brasileiro. Além disso, estudos de Saes e Nishijima (2007) sugerem que há sim espaço para a utilização do mecanismo de drawback para o

café solúvel brasileiro, visando a evitar perdas de competitividade temporárias no mercado internacional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Desempenho do comércio internacional

O processo de globalização intensificou as relações econômica, sociais e políticas entre os países, demandando a compreensão das relações competitivas entre esses no comércio internacional. Em razão da necessidade de competir no mundo para ampliar seus mercados, as empresas, os setores e as nações vêm aumentando o acirramento da concorrência internacional (ORANJE, 2003). Dessa forma, a competição internacional é vista por Jank (1996) como um dos maiores desafios enfrentados pelas nações.

A competitividade pode ser analisada em diferentes níveis, como nação, setor econômico ou firmas individuais. Essa distinção deve-se ao fato de que a nação, como instituição consolidada - constituída por governos, organizações privadas e públicas e empresas, coordena seus esforços em prol da melhoria da qualidade de vida da população (JANK, 1996).

A primeira teoria que tentou explicar as relações entre os países no comércio internacional foi a Teoria das Vantagens Absolutas proposta por Adam Smith. De acordo com a teoria, os países deveriam especializar-se na produção da *commodity* que possuíssem maior vantagem absoluta (SMITH, 1937). Porém, essa teoria não explicava completamente os fundamentos do comércio, pois considerava que se um país não possuísse nenhuma vantagem absoluta, não poderia participar do comércio.

Com o objetivo de tentar preencher as lacunas deixadas por Smith, David Ricardo em “The principles of political economy and taxation”, afirma que uma nação poderia se especializar na produção da *commodity* que apresentasse menor desvantagem absoluta e, assim, participar do comércio, mesmo não possuindo vantagem absoluta (SILVIA et al., 2012).

A ideia de um comércio sempre favorável aos participantes era errônea e, portanto, a teoria do comércio internacional ainda se via falha. Dessa forma, Eli Hecksler e Berthil Ohlin propuseram Teoria das Proporções dos Fatores, que ficou conhecida como teorema de Heckscher-Ohlin, com o objetivo de explicar a distribuição de renda entre os detentores dos fatores de produção (SALVATORE, 1999). Para Williamson (1997) essa teoria sugere que cada nação exportará a *commodity* que utiliza seu fator abundante de produção e importará aquela que necessita da utilização do fator de produção raro e de elevado preço. Fasano Filho (1987) corrobora, ao afirmar que as diferenças internacionais relacionadas à dotação de fatores resultam em vantagem comparativa.

De acordo com Salvatore (1999), o teorema Heckscher-Ohlin contribuiu para posteriores teorias sobre o comércio internacional, com ênfase para a Teoria de Linder, o Ciclo do Produto (Vernon) e o Modelo de Defasagem Tecnológica (Posner). Porém, foi a partir da Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas, enunciada por Bela Balassa, em 1965, que a competitividade no comércio internacional teve uma nova conotação (BALASSA, 1965).

O atual contexto de desenvolvimento sugere três novas dimensões para as discussões acerca da competitividade. A primeira está relacionada à globalização econômica, marcada pelo surgimento de novos padrões de competitividade mundial, os quais se tornam objetos das nações podem, ou não, conferir inserção diferenciada no mercado em que atuam. A segunda é dimensão de sustentabilidade, conhecendo diversidades ambientais e culturais de cada nação, é possível criar alternativas para potencializar os recursos existentes. A terceira dimensão refere-se à flexibilidade e corresponde à aproximação de nações, por meio de parcerias, alianças, mercados comuns, etc, visando aos interesses comuns (BECKER, 1997).

Jank (1996) afirmou que existem diferentes interpretações do termo competitividade. O conceito foi estudado por diversos autores, os quais deram suas contribuições para as mais recentes formas de análise da competitividade. Dessa forma, a literatura econômica oferece inúmeras definições ao termo, buscando satisfazer as diferentes acepções de acordo com o contexto em que se inserem (VITTI, 2009).

Porter (1985 citado por BECKER, 1997, p. 15), descreveu o primeiro conceito de competitividade:

Competitividade para uma nação é o grau pelo qual ela pode, sob condições livres e justas de mercado, produzir bens e serviços que se submetam satisfatoriamente ao teste dos mercados internacionais enquanto, simultaneamente, mantenha e expanda a renda real de seus cidadãos. Competitividade é a base para o nível de vida de uma nação. É também fundamental à expansão das oportunidades de emprego e para a capacidade de uma nação cumprir suas obrigações internacionais.

De acordo com Porter (1990), a competitividade de um país depende de quatro características: as condições da oferta de fatores; as condições da demanda; a existência de indústrias relacionadas e de suporte; e as estratégias das firmas.

Em relação à primeira característica, o autor afirma que um país tem capacidade de criar fatores de produção, como mão de obra qualificada e tecnologia, sendo que a criação, aperfeiçoamento e distribuição desses fatores são considerados mais importante que a estocagem dos mesmos. As condições de demanda influenciam a competitividade no sentido de que, exigências em qualidade pelos consumidores internos refletem positivamente na competitividade. O terceiro atributo refere-se à competitividade internacional dos fornecedores e indústrias relacionadas, quando fornecimentos eficientes

aumentam as vantagens competitivas. Por fim, adoção de estratégias que possam constituir vantagem competitiva

Para Martin, Westgren e Duren (1991) competitividade é a habilidade de um país obter e sustentar sua parcela no mercado, além de ser considerada comparativa. Gonçalves et al. (1995), vão de encontro à ideia dos autores e relacionam competitividade com a capacidade de uma empresa, setor ou país criar e manter uma posição competitiva ao longo do tempo, para algum produto ou uma gama de produtos.

Segundo Farina e Zylberstajn (1998, p. 10), “competitividade não tem uma definição precisa. Pelo contrário, compreende tantas facetas de um mesmo problema que dificilmente se pode estabelecer uma definição ao mesmo tempo abrangente e útil”. Fajnzylber (1998) concorda e argumenta que não existe uma definição única e correta para o termo competitividade, e sim uma definição mais apropriada de acordo com o nível (país, setor, empresa), produto e objetivo da análise. O autor completa dizendo que o mais comum é relacionar o termo à capacidade de participação de um país no mercado internacional. Dessa forma, define competitividade como a capacidade de um país manter e ampliar sua participação nos mercados mundiais e aumentar a qualidade de vida de sua população.

De acordo com Fioravanzo e Paiva (2002), o surgimento de novas contribuições literárias acerca da competitividade, em função dos inúmeros estudos sugerindo revisão e ampliação de alguns aspectos, torna o significado, os fatores determinantes e a metodologia de medição, bastante complexos para vários autores.

Haguenauer (1989) reforça os argumentos de Fioravanzo, de que vários autores apresentaram uma compreensão diferenciada do conceito de competitividade e, portanto, ele elaborou três subconceitos, a saber: sistêmico, desempenho e eficiência. O conceito sistêmico elucida as alterações no grau de

competitividade dos diferentes fatores econômicos (empresa, setor, indústria ou país), associadas aos fatores relacionados ao processo de comercialização, nas distintas dimensões (tecnológica, ambiental, mercadológica, etc.), capacitando esses fatores a produzir eficientemente e melhorar o desempenho comercial. O conceito de desempenho relaciona competitividade ao aumento da participação nas exportações, considerando os efeitos do contexto mundial (taxa de crescimento mundial), do produto (comportamento do comércio internacional) e do mercado (comportamento das importações dos países de destino).

Gopinath et al. (1997) demonstram em seus estudos que a competitividade é um conceito que apresenta dois enfoques: o doméstica e o internacional. Para exemplificar, se o crescimento da agricultura de um país é maior que o de outro, então, segundo esses autores, o primeiro está ganhando competitividade sobre o segundo.

Outros autores definem a competitividade como a capacidade de um país em produzir determinados bens, igualando ou superando os níveis de eficiência verificados em outras economias. O crescimento das exportações seria uma provável consequência da competitividade, e não sua expressão (GASQUES; CONCEIÇÃO, 2002).

A literatura sobre comércio internacional é bastante rica, fornecendo vários conceitos de competitividade internacional. Além de aspectos como cota de mercado e competição entre países (ou empresas), envolve aspectos relacionados com as políticas macroeconômicas, produtividade dos fatores de produção e capacidade para distribuir com êxito os produtos nos mercados exteriores (FIORAVANÇO; PAIVA, 2002).

Gasques e Conceição (2002, p. 7) apontam que há um consenso sobre a competitividade internacional, definida como “habilidade de os empresários criarem, produzirem e comercializarem mercadorias e serviços com mais eficiência do que seus rivais nos mercados domésticos ou internacionais”.

Coutinho e Ferraz (1993) afirmam que os fatores determinantes da competitividade podem ser internos à empresa, como estoques de recursos acumulados, qualidade e produtividade dos recursos humanos, conhecimento do mercado e capacidade de adequação às suas especificidades; podem ser estruturais, como oportunidades de acesso a mercados mundiais, sistema fiscal-tributário incidente sobre as operações industriais, importação e exportação dos meios de produção e fatores sistêmicos, isto é, macroeconômicos (taxa de câmbio, oferta de crédito e taxa de juros), e podem ser internacionais, relacionados à tendência de comércio mundial, fluxos internacionais de capital, acordos internacionais e políticas de comércio exterior.

O comércio internacional trata a questão da competitividade de forma mais específica, objetiva e mensurável, por meio do estabelecimento de indicadores e parâmetros que permitem diferenciar vários aspectos (ORANJE, 2003). Vitti (2009) acrescenta que, na literatura econômica, a competitividade é abordada sob vários aspectos, dentre os quais destacam-se os indicadores de desempenho, eficiência e capacitação.

Os indicadores de desempenho avaliam a competitividade do país, setor ou empresa no mercado nacional e internacional, enquanto os indicadores eficiência (preço e custos do produto comercializado) e capacitação (inovações tecnológicas de produtos e processos) analisam os fatores explicativos do desempenho econômico daqueles agentes (CUNHA FILHO, 2005). Em se tratando da análise com base no desempenho, verifica-se a competitividade revelada, apresentada na forma de participação de mercado (VITTI, 2009).

3.2 Vantagem Comparativa Revelada

A definição de competitividade influencia diretamente na escolha das medidas de desempenho (FARINA; ZYLBERSZTAJN, 1998). Esses

indicadores de desempenho correspondem a uma tradução da competitividade internacional, ou seja, a participação de determinado país no comércio internacional (ORANJE, 2003). Dessa forma, neste trabalho, a competitividade será medida pela vantagem comparativa revelada e do *Constant market share*.

Para Gonçalves et al. (1995), o conceito de vantagem comparativa apresenta o benefício da facilidade de criação de indicadores. Vitti (2009) corrobora, dizendo que esse é o conceito mais amplo de competitividade e, incorpora, além de aspectos relacionados à produção, as políticas cambial e comercial, a eficiência dos canais de comercialização, acordos internacionais, etc

Os indicadores de vantagem comparativa medem o desempenho de um setor do país em questão, em relação ao mesmo setor de outro país. Os indicadores utilizados são (ORJANJE, 2003):

- a) Taxa Geométrica de Crescimento do Volume das Exportações: crescimento da quantidade exportado do produto por uma nação, apurado comparativamente no mesmo período. A redução, crescimento ou manutenção possibilita avaliar o crescimento do setor, a partir de outra nação e do mundo.
- b) Grau de Participação: resultado setorial de um país no comércio internacional. Indica o desempenho e sua relação com o mercado internacional.
- c) Participação no Valor das Exportações Mundiais: participação do país em determinado setor, em relação às exportações mundiais. Demonstra o desempenho, em valor, no mercado internacional.
- d) Vantagem Comparativa Revelada – comparação entre o saldo comercial, observado em um setor específico, e o saldo teórico que seria esperado, se o saldo global do país em questão estivesse

uniformemente distribuído entre todos os setores do país, de acordo com a participação destes no comércio global do país.

Todavia, os indicadores de vantagem comparativa encontram-se inseridos no contexto da teoria clássica, considerando condições de competição perfeita, pleno emprego, ausência de barreiras comerciais, protecionismo, entre outros aspectos (ORANJE, 2003).

A vantagem comparativa revelada é um método proposto por Balassa (1965), para determinar os setores nos quais um país possui vantagem comparativa na produção e exportação (PONCIANO, 1995). É considerada revelada, pois sua determinação é baseada em dados *ex-post*, ou seja, dados pós-comércio ou dados de comércio observados (BALASSA, 1965). Haguenuer (1989) diz que se refere a um conceito *ex-post* que avalia a atual posição de competitividade de determinado setor produtivo de um país, a partir de sua posição nos mercados doméstico e internacional.

Porém, essa teoria proposta por Balassa não considera questões relacionadas ao protecionismo, tais como: barreiras tarifárias e não-tarifárias, mudanças cambiais, entre outras variáveis, apresentando, dessa forma, limitações. Sendo assim, são de extrema importância as teorias da competitividade que consideram tais variáveis (SILVIA et al., 2012).

As Vantagens Absolutas e Comparativas são importantes para um país, porém não se pode atribuir exclusivamente a elas o sucesso de uma indústria. As empresas deveriam ter vantagens competitivas no que diz respeito aos custos de produção, inovação, diferenciação e economias de escala (PORTER, 1998, 1999).

Dessa maneira, mesmo evidente a grande importância e contribuição de Porter para a teoria do comércio internacional, ainda são necessários estudos,

visando a melhor compreensão e aperfeiçoamento do tema competitividade, especialmente no contexto da globalização.

4 METODOLOGIA

Neste trabalho, empregou-se a abordagem de pesquisa quantitativa e a análise foi realizada a partir de dados secundários. Os modelos analíticos utilizados no presente estudo visando a atender aos objetivos propostos estão balizados no indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e no modelo Constant market share (CMS), por meio dos quais será medido o desempenho externo do café solúvel brasileiro.

4.1 Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

A análise do desempenho externo do café solúvel brasileiro, com base no conceito de competitividade revelada, foi realizada, utilizando o indicador de Vantagem Comparativa Revelada. Como o próprio nome sugere, esse índice pressupõe que o comércio “revele” vantagens comparativas, pois seu cálculo é baseado em dados depois de verificada a sua ocorrência. Dessa forma, ele pondera os resultados obtidos depois de verificado o comércio entre regiões.

De acordo com Coutinho e Ferraz (1993), dentre os diversos indicadores de desempenho, usualmente utiliza-se a relação, para um determinado país (ou região), entre sua participação nas exportações de determinado produto ou setor, e sua participação nas exportações totais, para um conjunto de referência (países, país ou regiões).

Apesar de existirem estudos que calculam a VCR para diferentes regiões do mundo, tradicionalmente esse índice é calculado em relação ao mundo, uma vez que os países competem entre si (VITTI, 2009). Dessa forma, no presente estudo, efetuou-se a comparação das exportações brasileiras de café solúvel com as efetuadas em nível nacional.

A fim de analisar a vantagem comparativa revelada foi utilizado o indicador proposto por Balassa (1965), calculado conforme equação (2):

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}}{X_{ik}} \bigg/ \frac{X_j}{X_k} \quad (1)$$

onde, X_{ij} é o valor das exportações do *i-ésimo* produto da *j-ésima* região ou país; X_{ik} é o valor das exportações do *i-ésimo* produto do *k-ésimo* conjunto de referência (região, país ou países); X_j é o valor total das exportações da *j-ésima* região ou país; e X_k é o valor total das exportações do *k-ésimo* conjunto de referência (região, país ou países).

Quando $VCR_{ij} > 1$ a vantagem comparativa do produto *i* é “revelada”. De forma análoga, para $VCR_{ij} < 1$ a mercadoria não detém vantagem comparativa revelada.

No caso específico deste estudo, relacionaram-se as exportações de café solúvel do Brasil com as exportações mundiais desse produto, obtendo--se:

X_{ij} = exportações de café solúvel do Brasil

X_{ik} = exportações de café solúvel do mundo

X_j = exportações totais do Brasil

X_k = exportações totais do mundo

Segundo Hidalgo e Mata (2004), uma economia-objeto apresenta vantagem comparativa revelada, se sua exportação de um determinado produto, comparada com a exportação do mesmo produto de uma economia-referência, for maior do que o peso relativo das exportações totais da região objeto versus da referência.

Vicente (2005, p. 7) explica que “esse índice mostra se a participação das exportações de determinado produto ou setor, pelo objeto de estudo, é maior ou menor do que sua participação nas exportações totais, em relação ao conjunto de referência”. Ou seja, indica a capacidade competitiva de determinado produto, região ou país.

Se o valor do índice VCR for maior do que 1, significa que o país apresenta vantagem comparativa revelada nas exportações de determinado produto, em relação a área de referência; valor menor do que 1 indica desvantagem comparativa revelada (VASCONCELOS, 2003). No presente estudo, se o $VCR > 1$, pode-se inferir que o Brasil apresentará vantagem comparativa revelada nas exportações de café solúvel, caso contrário, terá desvantagem comparativa revelada.

Conforme Farina e Zylbersztajn (1998), o índice VCR é considerado bastante útil na identificação de vantagens e desvantagens comparativas de produtos. Na literatura, encontram-se alguns autores que utilizaram esse indicador, a fim de analisar a competitividade, são eles: Diz (2008), Farina e Zylbersztajn (1998), Gasques e Conceição (2002), Vicente (2005) e Vitti (2009).

Porém, Carvalho e Cunha Filho (2007) ressaltam que esse indicador reflete a capacidade competitiva em dado momento (análise estática), e não permite capturar eventuais mudanças que venham a ocorrer no grau de competitividade setorial do País (análise dinâmica). Além disso, em função das distorções protecionistas que afetam as importações, o indicador VCR não as considera, sendo calculado com base exclusivamente no valor das exportações (VICENTE, 2005).

O índice de vantagem comparativa revelada apresentado anteriormente é limitado no sentido de que a desvantagem e a vantagem comparativa possuem dimensão assimétrica. A primeira variando entre 0 e 1, e a segunda entre 1 e

infinito. Com o intuito de superar essa limitação, Laursen (1998) desenvolveu um índice, normalizando a expressão da seguinte forma:

$$VCRS_{ij} = \frac{(VCR_{ij} - 1)}{(VCR_{ij} + 1)} \quad (2)$$

em que $VCRS_{ij}$ representa o índice de vantagem comparativa revelada simétrica. Feita essa normalização, o índice $VCRS_{ij}$ varia no intervalo -1 e 1 . Então, se tal índice se encontra no intervalo entre 0 e 1 , a economia terá vantagem comparativa revelada naquele produto. Por outro lado, se o índice se encontra no intervalo -1 e 0 , o produto apresentará desvantagem comparativa revelada.

O indicador de Vantagem Comparativa Revelada nas exportações de um produto pode ser calculado com frequência anual. O período considerado nesse estudo para a análise da VCR e VCRS compreende os anos de 1986 a 2010, pois são os anos dos quais se tem dados disponíveis. Os dados necessários para os cálculos foram obtidos junto a Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO (2013) e World Trade Organization - WTO (2013).

4.2 Constant market share (CMS)

A análise de *Constant market share* está inserida na família dos modelos *Shift-Share* (diferencial – estrutural), os quais buscam decompor taxas de variação. Essa metodologia foi empregada pela primeira vez nos EUA para estimar mudanças no emprego entre 1939 e 1954 (SILVIA; CARVALHO, 2003).

Com o modelo *Constant market share*, objetivou-se analisar a participação de um país no fluxo mundial de comércio, bem como desagregar as tendências de crescimento das exportações ou importações, de acordo com os

efeitos que as originam (CORONEL; MACHADO; CARVALHO, 2009; STALDER, 1997). Para Vitti (2009), o modelo atribui o desempenho positivo ou negativo das exportações tanto à estrutura das exportações do país quanto à sua competitividade. Assim, avalia-se o comportamento das exportações de um determinado produto, com base nos mercados de destino e nas importações totais mundiais desse mesmo produto.

Segundo Vitti (2009), há vários estudos internacionais que analisam o comportamento das exportações de determinado produto, utilizando esse modelo, a saber: Leamer e Stern (1970), Richardson (1971), Rigaux (1971), Stern (1967) e Tyler (1976). Na literatura nacional, diversos trabalhos também utilizaram essa metodologia para estudar o desempenho das exportações.

Vitti (2009) analisou a competitividade das exportações brasileiras de frutas, no período de 1989 a 2006. Silvia et al. (2012), avaliaram o comportamento das exportações brasileiras de mamão, de 1995 a 2008. Diz (2008), estudou as exportações brasileiras de manga e de uva, de 1989 a 2005. Coronel, Machado e Carvalho (2009), buscaram identificar o comportamento das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006, para os períodos 1995 a 1998, 1999 a 2001 e 2002 a 2006.

Carvalho (1995) também utilizou o modelo para analisar a competitividade das agroindústrias. Sereia, Camara e Cintra (2008) buscaram explicar o crescimento das exportações do complexo cafeeiro paranaense e brasileiro, entre 1990 e 2003, fazendo uma subdivisão em três subperíodos: de 1990 a 1993, o segundo de 1994 a 1998 e o terceiro de 1999 a 2003, trabalhando com valores médios. Silva e Carvalho (2003) procuram analisar as variações das exportações agrícolas brasileiras para os complexos fumo, soja, café, laranja, carne bovina, cacau, açúcar, algodão e frango, no período 1989-2001.

O pressuposto básico do modelo *CMS* é que a participação de um país no comércio mundial permanece constante. Se houver alteração nessa parcela,

ela deve estar implícita no modelo, e sua efetiva performance é atribuída à competitividade, associada aos preços relativos (LEAMER; STERN, 1970).

Para Sereia, Camara e Cintra (2008), um país aumenta sua participação no comércio mundial, ou seja, suas exportações crescem acima da média, quando: estão concentradas em mercadorias cujas demandas crescem mais rapidamente; são destinadas a mercados cuja demanda cresce relativamente mais rápido; estão se beneficiando com ganhos de competitividade.

Assim, o comportamento das exportações de um país é definido tanto pela sua estrutura de exportações quanto por sua competitividade. Lembrando que, uma vez mantida a parcela de exportação, qualquer alteração observada é decorrente da competitividade.

Segundo Leamer e Stern (1970) e Richardson (1971), a taxa de crescimento das exportações é decomposta em quatro efeitos: crescimento do comércio mundial, composição da pauta de exportações, destino das exportações e competitividade, determinada por meio do resíduo das demais.

É importante dizer que, de acordo com Sereia, Camara e Cintra (2008), resíduo negativo indica fracasso do país em se manter no comércio e ao resíduo positivo atribui-se o sucesso na ampliação da participação do comércio internacional. Os autores ainda ressaltam que o modelo CMS permite fazer estimativas sobre o direcionamento e a concentração do setor exportador em produtos mais dinâmicos, mesmo utilizando séries passadas.

A equação (1) completa do modelo levando os quatro efeitos é:

$$V'_{..} - V \sum_i \sum_j r_{ij} V_{ij} + \sum_i \sum_j (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \equiv r V_{..} + \sum_i (r_i - r) V_i + \sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum_i \sum_j (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (3)$$

(a) (b) (c)

(d)

Onde:

$V_{..}$ = valor total das exportações do país A no período I;

$V'_{..}$ = valor total das exportações do país A, no período II;

V_{ij} = valor das exportações do produto i para o país j, no período I;

V'_{ij} = valor das exportações do produto i para o país j, no período II;

r_{ij} = incremento percentual das exportações mundiais do produto i para o país j do período 1 para o período 2;

r = incremento percentual das exportações mundiais do período I para o período II.

Sereia, Camara e Cintra (2008) relacionam os efeitos crescimento do comércio mundial (a) e composição da pauta de exportação (b) a fatores externos e, destino das exportações (c) e competitividade (d) a fatores internos.

Decompondo a equação da taxa de crescimento das exportações nos quatro efeitos mencionados, constata-se que (CORONEL; MACHADO; CARVALHO, 2009):

O efeito crescimento do comércio mundial (rV), representado (a), demonstra se as exportações do país A aumentam quando a taxa de crescimento do comércio mundial se eleva, permitindo verificar se o crescimento das exportações ocorre em decorrência do crescimento mundial das exportações. Ou seja, é o incremento verificado se as exportações do país A tiverem crescido proporcionalmente ao aumento das exportações do comércio mundial.

O efeito composição da pauta $\sum_i (r_i - r)V_i$, representado por (b), indica que se as exportações mundiais do produto (i) aumentaram mais que a média mundial de todas as mercadorias exportadas, $(r_i - r)$ será positivo. O resultado tornará forte esse efeito se V_i for relativamente grande, ou seja, o efeito composição da pauta será positivo, se as exportações do país A estiverem

concentradas no produto de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial.

O efeito destino das exportações $\sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i) V_{ij}$, representado por (c),

são as mudanças decorrentes de exportações de produtos para mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos. Será positivo, se o país A tiver concentrado suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado e negativo, se concentrado em regiões mais estagnadas.

O efeito competitividade $\sum_i \sum_j (V'_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij})$, representado por (d),

reflete a diferença entre o crescimento atual e o crescimento que teria ocorrido nas exportações do país A, se tivesse sido mantida a parcela de exportação de cada bem para cada país. Sugere-se que uma economia é competitiva na produção de determinado bem quando consegue pelo menos igualar-se aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem.

Ao efeito competitividade, atribui-se a diferença entre o crescimento das exportações verificado pelo método CMS e o crescimento efetivo, sendo que a medida desse efeito está relacionada a mudanças nos preços relativos. Dessa forma, quando um país deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o efeito competitividade torna-se negativo e indica o fracasso do país em manter sua participação nesse mercado, além de inferir que os preços do país A estão aumentando mais que o preço de seus concorrentes, isto é, os importadores tendem a substituir o consumo dos produtos cujos preços se elevaram pelo consumo daquelas com preços menores em termos relativos.

Conforme dito anteriormente, o modelo CMS é determinado em pontos discretos no tempo. Por isso, torna-se necessário dividir os dados em períodos. Coronel (2008) destaca que, uma vez que as exportações variam ao longo do

tempo, a divisão em períodos menores confere uma verificação mais confiável das alterações mais frequentes que ocorreram entre um dado período analisado.

A título de exemplo, Tomich (1999) analisou a competitividade brasileira de frutas selecionadas, tendo como referência básica o modelo empírico de Rigaux (1971), utilizando dados de 1980 a 1995, divididos em 2 subperíodos compostos por médias trienais. Stalder (1997) também baseou seu estudo no trabalho empírico de Rigaux (1971), analisando a participação do Brasil no mercado internacional de açúcar para o período 1979 a 1994, subdividindo em dois períodos de média hexa-anual. Carvalho (1995) estudou as exportações do complexo agroindustrial brasileiro para o período de 1973 a 1992, subdividido em quatro períodos, sendo três períodos com médias trienais e um período com médias tetra-anuais (DIZ, 2008).

Segundo Vitti (2009), o modo de observação do modelo, os dados utilizados e os períodos analisados devem ser selecionados em função do objetivo do trabalho. Dessa forma, no presente estudo, o efeito composição da pauta de exportação será eliminado do modelo, uma vez que, a análise é de um único produto – café solúvel.

Representa-se, assim, a decomposição do crescimento efetivo das exportações brasileiras de café solúvel:

$$V_t^1 - V_t^0 \equiv r_t V_t^0 + \sum_j I(r_{1j} - r_t) V_{tj}^0 + \sum_j I(V_{tj}^1 - V_{tj}^0 - r_{1j} V_{tj}^0)$$

(4)

Onde:

V_t^0 = valor das exportações brasileiras de café solúvel no período 0 (inicial);

V_t^1 = valor das exportações brasileiras de café solúvel no período 1 (final);

r_t = variação percentual das exportações mundiais de café solúvel entre os períodos 0 e 1;

r_{ij} = variação percentual das exportações mundiais de café solúvel para o país j entre os períodos 0 e 1;

V_{ij}^0 = valor das exportações brasileiras de café solúvel para o país j no período 0 (inicial);

V_{ij}^1 = valor das exportações brasileiras de café solúvel para o país j no período 1 (final);

A variação das exportações brasileiras de café solúvel será explicada, neste trabalho, pelos efeitos:

$r_t V_t^0$ = crescimento do mercado mundial de café solúvel

$\sum_j I(r_{ij} - r_t) V_{ij}^0$ = destino das exportações brasileiras de café solúvel

$\sum_j K(V_{ij}^1 - V_{ij}^0 - r_{ij} V_{ij}^0)$ = competitividade

Os trabalhos de referência que se baseiam no Constant market share utilizam valores médios para verificar os fatores determinantes das exportações no período. Isso, porque as mudanças anuais podem ser drásticas, havendo distorções no resultado. Assim sendo, neste trabalho, os subperíodos não são compostos por anos individuais, mas, sim, por médias, suficientes para normalizar os valores a serem utilizados. Dividiu-se, então, o período de 1991-2010 em quatro grupos: 1991-1996; 1997-2000; 2001-2005 e 2006-2010.

O primeiro subperíodo (1991-1996) foi caracterizado pela entrada em vigor do Sistema Geral de Preferências (SGP), em 1991, isentando de tarifas as importações de café solúvel vindas de países Andinos, sob alegação de uma política de combate ao narcotráfico, países europeus começaram a sobretaxar em 9% a importação do café solúvel brasileiro.

No segundo subperíodo (1997-2000), houve uma reavaliação do SGP por parte da UE e a cobrança de tarifas passou a ser de acordo com o desenvolvimento econômico dos países. O Brasil foi considerado desenvolvido e, em 1997, o imposto incidente sobre o café solúvel era de 10,1%.

No terceiro subperíodo (2001-2005), após várias tentativas de negociações brasileiras, a UE criou um sistemas de cotas para o Brasil, no ano de 2001. Esse sistema estabelecia cotas anuais de volume de exportação que deveriam ser divididas entre os países nos quais incidiam taxas sobre o café solúvel, sendo que quantidades acima da cota continuavam sendo taxadas a 9%. o Brasil podia exportar até a cota anual de 12 mil toneladas sem taxaço, após esse montante, incidia a taxa de 9%.

No quarto e último subperíodo (2006-2010), ocorreu, em 1º de janeiro de 2006, a entrada em vigor da medida imposta pela União Europeia de taxaço de 9% ao café solúvel brasileiro, sobre qualquer quantidade exportada.

Como mercados de destino, no período analisado, foram considerados Estados Unidos, Rússia, Ucrânia, Argentina, Japão, Alemanha e Reino Unido, visto que absorvem aproximadamente 60% das exportações nacionais de café solúvel.

Os dados necessários para os cálculos foram obtidos junto a FAO (2013) e WTO (2013).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivou-se, nesta seção, analisar a vantagem comparativa do Brasil na exportação de café solúvel, bem como o *market share* e as fontes de crescimento dessas exportações para o primeiro período (1991-1996 a 1997-2000), segundo período (1997-2000 a 2001-2005) e terceiro período (2001-2005 a 2006-2010).

5.1 Vantagem Comparativa Revelada

O indicador de vantagem comparativa revelada permitiu desenvolver uma análise do desempenho externo do café solúvel brasileiro, ou seja, se o país possui vantagem comparativa na exportação desse produto.

Os resultados, apresentados na Tabela 3, quantificam o peso relativo das exportações brasileiras de café solúvel, bem como a de seus principais concorrentes (Malásia, Indonésia, Índia, Equador, México, Tailândia e Colômbia, em relação à situação ocorrida em nível mundial. Pode-se observar, também, o quadro evolutivo da vantagem comparativa desse produto ao longo do período analisado.

Tabela 3 Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS) das exportações de café solúvel do Brasil e de seus principais concorrentes, em relação às exportações mundiais de café solúvel, no período de 1986 a 2010

Ano	Brasil		Malásia		Indonésia		Índia		Equador		México		Tailândia		Colômbia	
	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS	VCR	VCRS
1986	39,73	0,95	0,05	-0,91	0,55	-0,29	1,33	0,14	34,59	0,94	0,37	-0,46	0,01	-0,98	31,52	0,94
1987	32,41	0,94	0,25	-0,60	0,71	-0,17	2,56	0,44	36,61	0,95	0,08	-0,85	0,02	-0,96	53,84	0,96
1988	29,15	0,93	0,41	-0,42	0,39	-0,44	4,70	0,65	35,10	0,94	0,12	-0,78	0,06	-0,88	65,21	0,97
1989	13,78	0,86	1,54	0,21	0,19	-0,69	7,35	0,76	28,06	0,93	0,21	-0,66	0,28	-0,56	79,37	0,98
1990	29,04	0,93	0,87	-0,07	0,47	-0,36	4,89	0,66	20,23	0,91	0,36	-0,47	0,22	-0,64	65,24	0,97
1991	15,16	0,88	0,75	-0,14	0,66	-0,20	1,15	0,07	15,88	0,88	0,45	-0,38	0,17	-0,71	48,34	0,96
1992	15,61	0,88	0,60	-0,25	0,79	-0,12	4,59	0,64	21,00	0,91	0,93	-0,04	0,27	-0,58	44,24	0,96
1993	20,62	0,91	0,37	-0,46	1,00	0,00	5,04	0,67	21,75	0,91	0,91	-0,04	0,21	-0,65	46,83	0,96
1994	21,59	0,91	0,36	-0,48	0,64	-0,22	4,82	0,66	31,17	0,94	0,89	-0,06	0,17	-0,71	24,22	0,92
1995	26,43	0,93	0,74	-0,15	0,49	-0,34	7,02	0,75	34,89	0,94	1,43	0,18	0,21	-0,66	20,16	0,91
1996	23,66	0,92	0,78	-0,12	0,70	-0,18	6,50	0,73	15,98	0,88	1,24	0,11	0,21	-0,66	27,02	0,93
1997	19,13	0,90	0,00	-1,00	1,02	0,01	7,93	0,78	14,09	0,87	0,95	-0,02	0,28	-0,57	23,07	0,92
1998	15,11	0,88	0,74	-0,15	1,91	0,31	6,71	0,74	22,35	0,91	1,08	0,04	0,23	-0,62	25,68	0,93
1999	16,13	0,88	1,11	0,05	1,62	0,24	6,25	0,72	15,80	0,88	0,93	-0,04	0,29	-0,55	28,75	0,93
2000	13,60	0,86	1,49	0,20	1,19	0,09	6,82	0,74	14,55	0,87	0,83	-0,09	0,24	-0,62	27,27	0,93
2001	11,33	0,84	2,26	0,39	0,93	-0,04	6,58	0,74	19,83	0,90	0,97	-0,01	0,26	-0,59	24,72	0,92
2002	10,00	0,82	2,40	0,41	0,89	-0,06	4,03	0,60	38,97	0,95	0,90	-0,05	0,42	-0,41	28,59	0,93
2003	10,38	0,82	1,89	0,31	0,79	-0,12	4,14	0,61	29,28	0,93	1,02	0,01	0,66	-0,20	22,88	0,92
2004	10,98	0,83	2,03	0,34	0,76	-0,14	3,11	0,51	33,36	0,94	0,79	-0,12	0,78	-0,13	23,70	0,92
2005	10,71	0,83	1,73	0,27	1,10	0,05	3,57	0,56	24,51	0,92	0,96	-0,02	1,03	0,01	17,67	0,89
2006	9,88	0,82	1,65	0,25	1,13	0,06	3,44	0,55	18,53	0,90	0,99	0,00	1,21	0,10	16,39	0,88
2007	9,59	0,81	2,07	0,35	1,56	0,22	2,83	0,48	17,56	0,89	1,26	0,12	1,12	0,06	13,63	0,86
2008	10,03	0,82	2,64	0,45	2,15	0,37	2,64	0,45	10,57	0,83	1,30	0,13	1,39	0,16	10,40	0,82
2009	8,19	0,78	3,03	0,50	2,14	0,36	2,75	0,47	9,89	0,82	1,23	0,10	1,78	0,28	9,58	0,81
2010	8,13	0,78	4,19	0,61	3,27	0,53	2,41	0,41	17,82	0,89	1,22	0,10	2,14	0,36	17,82	0,89

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da FAO (2013) e WTO (2013).

Por meio da análise da vantagem comparativa revelada (VCR) e / ou vantagem comparativa revelada simétrica (VCRS), verifica-se que o Brasil apresenta vantagem comparativa na exportação de café solúvel, em relação à média mundial, em todo o período analisado. Porém, também se observa que essa vantagem vem sendo reduzida, praticamente a cada ano, desde 1986.

O Brasil, no início do período analisado (1986), possuía um VCR de 39,73. Já, em 2010, esse valor passou para 8,13, indicando uma redução da participação relativa no comércio mundial desse bem. Porém, apesar dessa queda, o país continua a apresentar vantagem comparativa e ainda é o principal exportador de café solúvel.

Além do Brasil, o Equador e a Colômbia, tradicionais produtores de café solúvel, também tiveram suas vantagens comparativas reduzidas, ou seja, perderam parcelas relativas do mercado, mesmo sendo beneficiados pela imposição das barreiras tarifárias por serem países Andinos. Contudo, em 2010, Colômbia e Equador foram os que apresentaram o maior valor de VCR (17,82), dentre os países analisados.

Em contrapartida, Índia, Malásia, Indonésia, México e Tailândia tiveram sua vantagem comparativa aumentada. Com destaque para os quatro últimos que do início do período analisado (1986) até os anos de 1998, 2004, 2005 e 2004, respectivamente, apresentavam desvantagem comparativa na exportação de café solúvel. Isso indica uma rápida expansão das indústrias processadoras de café solúvel nesses países.

De forma geral, em 2010, todos os principais concorrentes do Brasil e o próprio país apresentaram vantagem comparativa revelada nas exportações de café solúvel. Assim, o Brasil corre risco de perder sua vantagem comparativa, uma vez que essa vem sendo reduzida. Em contrapartida, países concorrentes que não possuíam vantagem comparativa na exportação de café solúvel

passaram a tê-la, aumentando cada vez mais suas participações no mercado mundial de café solúvel.

5.2 Análise do *Constant market share* das exportações brasileiras de café solúvel

A análise do CMS foi empregada para analisar a participação do Brasil no fluxo mundial de comércio, bem como desagregar as tendências de crescimento das exportações, de acordo com os efeitos que as originaram. Inicialmente, foi feita a análise do *market share* e da taxa média de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel e, posteriormente foram identificadas as fontes de crescimento dessas exportações.

5.2.1 *Market share* das exportações brasileiras de café solúvel

Os resultados observados na Tabela 4 demonstram que houve expansão em valores das exportações mundiais de café solúvel, porém verifica-se uma redução da participação do Brasil nas exportações mundiais. O *market share* do Brasil nos subperíodos I (1991/1995), II (1996/2000), III (2001/2005) e IV (2006/2010) foram de 20,23%; 14,45%; 10,88% e 11,03%, respectivamente.

Os principais destinos das exportações nacionais de café solúvel foram EUA, Rússia, Ucrânia, Argentina, Japão, Alemanha e Reino Unido. No período de 1991 a 2010, do total de café solúvel exportado pelo Brasil, 17,72% foram destinados à Rússia, 14,08% aos Estados Unidos, 12,11% ao Japão, 5,52% à Alemanha, 5,07% ao Reino Unido, 4,46% à Ucrânia e 2,80% para a Argentina, representando, aproximadamente, 60 % das exportações brasileiras desse produto.

Os destinos das exportações brasileiras podem ser justificados, em parte, pela demanda de café solúvel a granel, por países como EUA, Reino Unido e Alemanha. Estes importam café solúvel a granel do Brasil, a preços relativamente baixos e embalam com marcas próprias, agregando valor ao produto, para posterior reexportação.

Conforme International Coffee Council - ICC (2014), as reexportações de café solúvel são dominadas pela Alemanha, mas Cingapura, Malásia, Reino Unido e Espanha são países importadores que registram volumes expressivos de reexportações. O valor das reexportações dos países importadores supera de longe o valor das exportações dos países exportadores. Isso, porque o valor unitário das reexportações dos países importadores de café solúvel é muito mais alto que o das exportações dos países exportadores.

Tabela 4 Valor médio (em mil US\$) das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel e participação do Brasil nas exportações mundiais

	1991-1996	1997-2000	2001-2005	2006-2010
Exportações mundiais de café solúvel	1.495.645	1.947.709	2.448.658	4.697.572
Exportações brasileiras de café solúvel	302.638	281.524	266.506	518.371
<i>market share (%)</i>	20,23	14,45	10,88	11,03

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da FAO (2013)

5.2.2 Taxa média de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel

De acordo com a taxa média de crescimento (Tabela 5), observa-se um aumento das exportações mundiais de café solúvel em todos os períodos. Já, as exportações de café solúvel do Brasil tiveram reduções consecutivas nos períodos I e II e um crescimento no terceiro período

No primeiro período analisado (1991-1996 a 1997-2000), as exportações mundiais de café solúvel apresentaram taxas médias de crescimento positiva (30%), enquanto que, para as exportações brasileiras, essa taxa foi 7% negativa. No segundo período (1997-2000 a 2001-2005), assim como no período anterior, as exportações mundiais de café solúvel apresentaram taxas médias de crescimento positivas (26%) e as exportações brasileiras também apresentaram taxa negativa, a qual foi de -5%. Entretanto, no terceiro período (2001-2005 a 2006-2010), a taxa média de crescimento das exportações de café solúvel do Brasil foi de 95%, ficando acima da taxa média mundial, de 92%.

Tabela 5 Taxa média de crescimento das exportações mundiais e brasileiras de café solúvel

	Taxa média de crescimento (%)		
	Período I	Período II	Período III
	1991-1996 a 1997-2000	1997-2000 a 2001-2005	2001-2005 a 2006-2010
Exportações mundiais de café solúvel	30	26	92
Exportações brasileiras de café solúvel	-7	-5	95

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora com base nos dados da FAO (2013)

Diante desses resultados é importante compreender os efeitos que provocaram o desempenho negativo das exportações brasileiras de café solúvel nos períodos I e II, mesmo havendo um aumento das exportações mundiais. E conhecer, também, os efeitos que influenciaram no crescimento das exportações brasileiras no período III.

5.2.3 Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel no período de 1991 a 2010

Com base nos resultados obtidos por meio do modelo *Constant market share*, puderam-se analisar os efeitos – crescimento do comércio mundial, destino das exportações e competitividade – descritos na metodologia e de que forma cada um contribuiu para o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel nos períodos I, II e III, considerados no estudo. Essas análises foram feitas em termos de crescimento efetivo e proporcional. Os resultados, utilizando-se os dados de valor de exportação de café solúvel, são mostrados na Tabela 6.

Tabela 6 Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período de 1991 a 2010.

Efeito	Crescimento efetivo (mil US\$)			Crescimento proporcional (%)*		
	(1991-1996) (1997-2000)	(1997-2000) (2001-2005)	(2001-2005) (2006-2010)	(1991-1996) (1997-2000)	(1997-2000) (2001-2005)	(2001-2005) (2006-2010)
Crescimento do comércio mundial	115202 (38,07%)	102517 (36,42%)	244119 (91,60%)	-545	-682	97
Destino das exportações	49182 (15,26%)	-231 (-0,08%)	-10421 (-3,91%)	-218	2	-4
Competitividade	-182498 (-60,3%)	-117304 (-41,67%)	18167 (6,82%)	864	781	7
Varição das exportações	-21114 (-6,98%)	-15018 (-5,33%)	251865 (94,51%)	100	100	100

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

* Participação de cada efeito na variação das exportações

No primeiro período analisado (1991-1996 a 1997-2000), o crescimento efetivo das exportações brasileiras de café solúvel foi de 6,98% negativo. As fontes de crescimento das exportações nacionais mostraram que essa retração na receita das exportações de café solúvel foi decorrente do efeito competitividade negativo (-60,3%), que teve uma participação de 864% na variação dessas exportações. Os efeitos crescimento do comércio mundial (38,07%) e destino das exportações (15,26%) foram positivos e suas participações à variação das exportações foram de (-545%) e (-218%), respectivamente. Indicando que esses dois efeitos contribuíram para que não houvesse uma redução ainda maior das exportações brasileiras de café solúvel.

No segundo período (1997-2000 a 2001-2005), assim como no período anterior, o crescimento efetivo das exportações brasileiras de café solúvel foi negativo (-5,33%). Essa redução do valor das exportações brasileiras de café solúvel é explicada pelo efeito destino das exportações negativo (-0,08%) e, principalmente, pelo efeito altamente negativo da competitividade (-41,67%), os quais tiveram uma participação de 2% e 781%, respectivamente nessa variação das exortações. O efeito crescimento do comércio mundial foi positivo (36,42%) com participação de (-682%) na variação das exportações, porém não o suficiente para superar os dois efeitos negativos apontados anteriormente.

No terceiro período (2001-2005 a 2006-2010), ocorreu um crescimento efetivo positivo (94,51%) das exportações de café solúvel do Brasil. Nesse período, o efeito crescimento do comércio mundial foi positivo (91,60%), sendo esse efeito um dos principais determinantes do crescimento das exportações nacionais, com participação de 97%. O efeito competitividade também foi positivo (6,82%), embora tenha uma pequena participação (7%) nessa variação das exportações. Já, o efeito destino das exportações foi negativo (-3,91%), contudo, não foi suficiente para prejudicar o balanço final das exportações de café solúvel.

A análise CMS permitiu identificar os efeitos que estão influenciando na taxa de crescimento das exportações, porém não expôs as causas da variação dos mesmos, sobretudo da competitividade.

Silva et al. (2012) dizem que o efeito competitividade reflete um conjunto de fatores que, o modelo encontra-se limitado a identificar mas, mesmo assim, é possível fazer algumas inferências com base em variáveis que podem ter exercido influência.

Dessa forma, com o intuito de compreender como esses efeitos estão influenciando as taxas de crescimento do comércio internacional de café solúvel brasileiro, bem como quais os fatores implícitos, ou seja, o que determina esses efeitos, foi realizada uma análise detalhada de cada período (I, II e III) considerado no estudo.

5.2.3.1 Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período I (1991-1996 a 1997-2000)

Na Tabela 7, mostra-se a decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel entre os subperíodos 1991-1996 e 1997-2000. É apresentada também a evolução das exportações para os principais países importadores do café solúvel brasileiro.

Observa-se, que as exportações decresceram de US\$ 302 milhões, em 1991-1996, para US\$ 281 milhões, em 1997-2000. Nesse período, houve queda das exportações brasileiras para os EUA, Ucrânia, Reino Unido e 'outros países' e aumento para Rússia, Argentina, Japão e Alemanha.

A Ucrânia e o Reino Unido, dois dos principais países importadores do café solúvel brasileiro, diminuíram também as suas importações de café solúvel do resto do mundo. Enquanto a taxa de crescimento das exportações mundiais de

café solúvel alcançou 38,1%, as exportações do resto do mundo, para esses países, apresentaram taxas negativas de crescimento

A Rússia foi quem apresentou maior taxa de crescimento (137,8%) nas importações mundiais de café solúvel. Como já mencionado, o país também aumentou as importações de café solúvel do Brasil, porém em uma proporção bem inferior (11,4%). Isso significa que o Brasil deixou de ganhar com esse país.

Tabela 7 Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 1991 a 2000

Mercados	Exportações brasileiras		Exportações mundiais		1991-1996 / 1997- 2000	
	1991 – 1996 (US\$ mil)	1997 - 2000 (US\$ mil)	1991 – 1996 (US\$ mil)	1997 - 2000 (US\$ mil)	Taxa de crescimento (%)	
					importações por país	exportações mundiais
EUA	50448	40226	132834	184510	38,9	38,1
RUSSIA	60728	67709	60728	144390	137,8	38,1
UCRÂNIA	6643	0	6643	0	0,0	38,1
ARGENTINA	2638	4195	5506	7107	29,1	38,1
JAPÃO	38969	42215	115854	120569	4,1	38,1
ALEMANHA	16467	21479	115441	146816	27,2	38,1
REINO UNIDO	19409	3725	161737	157067	-2,9	38,1
OUTROS PAÍSES	107337	101976	647789	960579	48,3	38,1
TOTAL	302638	281524	1246532	1721037		

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

Para manter sua participação inalterada no comércio mundial, as exportações brasileiras teriam que crescer a mesma taxa de crescimento das exportações mundiais de café solúvel (38,1%). Entretanto, não ocorreu crescimento e sim uma redução das exportações brasileiras de café solúvel de 6,97%.

Se o Brasil exportasse café solúvel, a mesma taxa de crescimento das exportações por países de destino, o total exportado como um todo aumentaria mais de US\$ 160 milhões. Caso adotasse a taxa de crescimento das exportações mundiais como referência, suas exportações poderiam crescer mais de US\$ 115 milhões.

Na Tabela 8, apresentam-se as fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel (crescimento efetivo) no período I. A queda das exportações nesse período deve-se, principalmente, ao efeito competitividade, que, isoladamente, contribuiu 864% dessa redução. Contudo, o declínio ocorrido no período foi amortecido pelos efeitos crescimento do comércio mundial e destino das exportações, ou seja, houve crescimento da demanda mundial e o Brasil exportou para países que estavam aumentando as importações de café solúvel. Se a participação do Brasil no comércio internacional de café solúvel fosse mantida constante as exportações teriam sido superiores, na ausência do efeito competitividade.

Tabela 8 Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período I (em valor e percentual do crescimento total)

Fontes de crescimento das exportações brasileiras (1991-1996 / 1997-2000)							
Mercados	Crescimento efetivo US\$ mil	Efeito Crescimento do Comércio Mundial		Efeito Destino das Exportações		Efeito Competitividade	
		US\$ mil	%	US\$ mil	%	US\$ mil	%
EUA	-10222	19204	-188	422	-4	-29847	292
RUSSIA	6981	23117	331	60546	867	-76682	-1098
UCRÂNIA	-6643	2529	-38	-2529	38	-6643	100
ARGENTINA	1557	1004	65	-237	-15	790	51
JAPÃO	3246	14834	457	-13248	-408	1660	51
ALEMANHA	5012	6268	125	-1793	-36	537	11
REINO UNIDO	-15684	7388	-47	-7949	51	-15124	96
OUTROS PAÍSES	-5361	40859	-762	10969	-205	-57189	1067
TOTAL	-21114	115202	-546	46182	-219	-182498	864

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

* Participação de cada efeito na variação das exportações

O efeito competitividade negativo evidencia que nos últimos anos a exportação brasileira de café solúvel está mais dependente do crescimento do comércio mundial. Associam-se a esse resultado as dificuldades enfrentadas para a exportação do café solúvel brasileiro nos anos 1990, relacionadas às tarifas impostas por determinados países, principalmente pelos europeus.

EUA, Rússia, Ucrânia e Reino Unido foram os países que mais contribuíram para o efeito competitividade negativo. Vale lembrar que esses três últimos países sobretaxam o café solúvel brasileiro. Os EUA, embora não exerçam essa prática, sua demanda por café solúvel do Brasil é em função do preço. Pois, caso o custo de produção do café solúvel esteja baixo, em função do preço da matéria - prima, o país opta pela produção, ao invés da importação.

A sobretaxa incidente sobre o café solúvel brasileiro é uma política de incentivo à produção interna desses países, porém isso sugere uma perda desses mercados por parte do Brasil, uma vez que é elevado o custo de instalação de uma firma de café solúvel no exterior.

O preço do café solúvel no mercado internacional apresentou tendência à queda a partir de 1995, fenômeno que veio acompanhado de aumento do volume de exportações mundiais desse bem. Esse fato deve-se a redução no custo de produção do café solúvel, decorrente da queda do preço do seu principal insumo (café robusta), que foi consequência da maior oferta de café verde, principalmente por causa da entrada do Vietnã nesse mercado, vindo, assim, a prejudicar o mercado brasileiro.

O efeito crescimento do comércio mundial positivo pode ser explicado pelo grande aumento das exportações mundiais, que tiveram, conforme já mencionado, um crescimento de 30%, nesse período.

Por fim, o efeito destino das exportações positivo equivale dizer que as exportações brasileiras de café solúvel foram destinadas a mercados que cresceram a taxas superiores à média mundial.

5.2.3.2 Decomposição das fontes crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período II (1997-2000 a 2001-2005)

A decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel entre os subperíodos 1997-2000 e 2001-2005, bem como a evolução das exportações para os principais países importadores do café solúvel brasileiro são apresentadas na Tabela 9.

Tabela 9 Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 1997 a 2005

Mercados	Exportações brasileiras		Exportações mundiais		1997-2000 / 2001-2005	
	1997 - 2000 (US\$ mil)	2001 - 2005 (US\$ mil)	1997 - 2000 (US\$ mil)	2001 - 2005 (US\$ mil)	Taxa de crescimento (%)	
					exportações por país	exportações mundiais
EUA	40226	33878	184510	194939	5,7	36,4
RUSSIA	67709	47473	144390	244142	69,1	36,4
UCRÂNIA	0	14502	0	50433	0,0	36,4
ARGENTINA	4195	9276	7107	10369	45,9	36,4
JAPÃO	42215	34100	120569	115048	-4,6	36,4
ALEMANHA	21479	19205	146816	183567	25,0	36,4
REINO UNIDO	3725	11330	157067	132248	-15,8	36,4
OUTROS PAÍSES	101976	96742	960579	1417011	47,5	36,4
TOTAL	281524	266506	1721037	2347757		

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

Foi observada uma queda nas exportações brasileiras de café solúvel na ordem de aproximadamente US\$ 15 milhões. Essa redução das exportações ocorreu para quase todos os países, com exceção da Argentina, Ucrânia e Reino Unido, mesmo esse último país tendo reduzido suas importações de café solúvel com os demais exportadores mundiais. Nesse período, a taxa de crescimento das exportações mundiais de café solúvel alcançou 36,4%, enquanto que, as exportações do resto do mundo, para esse país, apresentaram taxa negativa de crescimento de 15, 8%. Embora o Reino Unido tenha reduzido suas importações de café solúvel com os demais exportadores mundiais, suas importações de café solúvel do Brasil cresceram mais de 304%.

Se o Brasil exportasse café solúvel, a mesma taxa de crescimento das exportações por países de destino, o total exportado como um todo aumentaria mais de US\$ 102 milhões. Adotando a taxa de crescimento das exportações mundiais como referência suas exportações também poderiam crescer US\$ 102 milhões.

Analisando as exportações brasileiras de café solúvel no período II (Tabela 10), verifica-se que o efeito competitividade foi o que mais contribuiu para a redução das exportações nacionais, com 781,1%. O efeito destino das exportações, embora também tenha sido negativo não foi muito expressivo, contribuindo com 1,5% da redução das exportações. Isso significa dizer que o país exportou para mercados menos dinâmicos (em termos de importações de café solúvel) do que a média mundial, diferentemente do que ocorre no período I. Se a participação do Brasil no comércio internacional de café solúvel fosse mantida constante, as exportações teriam sido superiores na ausência desses efeitos. Já, o efeito crescimento do comércio mundial foi positivo e teve grande peso no impedimento de ocorrer uma redução ainda maior das exportações.

Tabela 10 Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período II (em valor e percentual do crescimento total)

Fontes de crescimento das exportações brasileiras (1997-2000 / 2001-2005)							
Mercados	Crescimento efetivo US\$ mil	Efeito Crescimento do Comércio Mundial		Efeito Destino das Exportações		Efeito Competitividade	
		US\$ mil	%	US\$ mil	%	US\$ mil	%
EUA	-6349	14648	-230,7	-12375	194,9	-8622	135,8
RUSSIA	-20236	24656	-121,8	22120	-109,3	-67012	331,2
UCRÂNIA	14502	0	0,0	0	0,0	14502	100,0
ARGENTINA	5081	1528	30,1	398	7,8	3155	62,1
JAPÃO	-8114	15373	-189,4	-17305	213,3	-6181	76,2
ALEMANHA	-2274	7822	-344,0	-2445	107,5	-7650	336,5
REINO UNIDO	7605	1356	17,8	-1945	-25,6	8194	107,7
OUTROS PAÍSES	-5234	37135	-709,4	11321	-216,3	-53690	1025,7
TOTAL	-15018	102518	-682,6	-232	1,5	-117304	781,1

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

* Participação de cada efeito na variação das exportações

O efeito competitividade negativo continua sendo, em parte, reflexo da sobretaxação do café solúvel pela EU e outros países. Em 1996, ocorreu uma reavaliação do SGP e o café solúvel taxado em 10,1% pela UE. Os países Andinos continuaram a ser isentos. Em 2001, com estabelecimento do sistema de cotas, o café solúvel brasileiro ainda era sobretaxado.

EUA, Rússia, Japão e Alemanha foram os que contribuíram para o efeito negativo da competitividade. Verifica-se que houve uma redução das exportações brasileiras de café solúvel para esses países.

O aumento da diferença de tarifas impostas sobre o café verde e o solúvel gerou substituição do café solúvel brasileiro pelo solúvel industrializado dentro dos próprios países, a partir da importação de café verde. Esses países reduziram suas importações de café solúvel brasileiro, porém o Brasil não redirecionou para outros mercados essas exportações, tendo em vista que os preços médios do café solúvel não tiveram alterações substanciais.

Não existem barreiras à entrada do café verde no mercado americano e europeu - principais destinos das exportações brasileiras. Países inseridos nesse mercado se tornam grandes exportadores de café solúvel por praticarem *drawback*. Todavia, existem barreiras tarifárias para o café solúvel brasileiro, as quais são diferentes entre os países exportadores de café solúvel.

O crescimento das exportações mundiais de café solúvel foi em função do aumento dos países consumidores e não produtores. Além disso, o aumento das exportações também está relacionado à redução dos preços obtidos pelos exportadores brasileiros no mercado internacional, acontecimento aparentemente associado com aumento da concorrência.

Dessa forma, o país, além de reduzir sua participação no comércio mundial, reduziu também o valor de suas exportações. Observa-se que, muitas vezes, o Brasil tem sua vantagem competitiva minimizada, mesmo sendo o maior exportador mundial de café solúvel.

Diante do exposto, como o mercado internacional de café solúvel é muito competitivo, dada a homogeneidade do produto, ou seja, a facilidade de replicá-lo, o preço tornou-se o principal componente na competição por esse mercado. O Brasil, já perde competitividade no quesito preço, quando o custo do insumo (café conilon) está mais baixo no mercado internacional, uma vez que não pode praticar o *drawback*. Há também a questão da logística e da qualidade da matéria- prima, pois são inúmeros produtores localizados em diversos municípios, o que influencia na qualidade final do produto, nos custos de transporte e, conseqüentemente, no custo final de produção. Além disso, como grande parte do café solúvel exportado pelo Brasil é na forma a granel, não existe diferenciação do produto por fidelidade do consumidor ou *marketing*, pois não há nenhuma marca vinculada ao produto.

O efeito crescimento do comércio mundial positivo pode ser explicado pelo aumento das exportações mundiais - a média das exportações aumentou 26% nesse período.

Por fim, o efeito destino das exportações negativo significa que as exportações brasileiras de café solúvel foram destinadas a mercados pouco dinâmicos, ou seja, mercados que cresceram a taxas inferiores à média mundial.

5.2.3.3 Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel: período III (2001-2005 a 2007-2010)

Na Tabela 11, é apresentada a decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel entre os subperíodos 2001-2005 e 2007-2010. Apresenta-se também a evolução das exportações para os principais destinos do café solúvel brasileiro. Observa-se, que as exportações praticamente dobraram de valor, aumentando de US\$ 266 milhões, em 2001-2005, para US\$ 518 milhões, em 2007-2010. Nesse período, as exportações brasileiras, em valor,

aumentaram para todos os países EUA, Rússia, Ucrânia, Argentina, Japão, Alemanha, Reino Unido e outros países. Além disso, esses países também aumentaram suas importações de café solúvel do resto do mundo. A taxa de crescimento das exportações mundiais de café solúvel, também alcançou 91,6%, e as exportações do resto do mundo, para esses países, também apresentaram altas taxas de crescimento.

Tabela 11 Decomposição do crescimento das exportações brasileiras de café solúvel – 2001 a 2010

Mercados	Exportações brasileiras		Exportações mundiais		2001-2005 / 2006-2010	
	2001 - 2005 (US\$ mil)	2006 - 2010 (US\$ mil)	2001 - 2005 (US\$ mil)	2006 - 2010 (US\$ mil)	Taxa de crescimento (%)	
					exportações por país	exportações mundiais
EUA	33878	66694	194939	311158	59,6	91,6
RUSSIA	47473	68778	244142	400723	64,1	91,6
UCRÂNIA	14502	38773	50433	171125	239,3	91,6
ARGENTINA	9276	22664	10369	25422	145,2	91,6
JAPÃO	34100	51720	115048	141126	22,7	91,6
ALEMANHA	19205	19636	183567	389977	112,4	91,6
REINO UNIDO	11330	31992	132248	276893	109,4	91,6
OUTROS PAÍSES	96742	218112	1417011	2781627	96,3	91,6
TOTAL	266506	518371	2347757	4498050		

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

Para conservar sua participação inalterada no comércio mundial, as exportações brasileiras teriam que crescer a mesma taxa de crescimento das exportações mundiais (91,6%). Entretanto, o crescimento ocorrido do Brasil foi 3% maior que o crescimento potencial, ou seja, o país não só conseguiu manter sua participação no comércio mundial de café solúvel, como também aumentou sua parcela de mercado, mesmo que em pequena escala.

Se o Brasil exportasse café solúvel, a mesma taxa de crescimento das exportações por países de destino, o total exportado como um todo aumentaria mais de US\$ 233 milhões. Adotando a taxa de crescimento das exportações mundiais como referência, suas exportações cresceriam US\$ 244 milhões. Porém, esses crescimentos seriam menores do que a taxa de crescimento efetiva, pois essa foi maior que a taxa de crescimento das exportações mundiais.

De acordo com a Tabela 12, verifica-se que principalmente o efeito crescimento do comércio mundial, mas também o efeito competitividade foram determinantes para o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel nesse período, sendo responsáveis por 96,9% e 7,2%, respectivamente, do crescimento das exportações. O efeito destino das exportações foi 4,1% negativo, o que implica em dizer que o Brasil direcionou suas exportações para países que estavam importando menos do que a média mundial. Porém, pela proporção representada, esse efeito não afetou as exportações brasileiras de café solúvel.

Tabela 12 Fontes de crescimento das exportações brasileiras de café solúvel, no período III (em valor e percentual do crescimento total)

Fontes de crescimento das exportações brasileiras (2001-2006 / 2006-2010)							
Mercados	Crescimento efetivo US\$ mil	Efeito Crescimento do Comércio Mundial		Efeito Destino das Exportações		Efeito Competitividade	
		US\$ mil	%	US\$ mil	%	US\$ mil	%
EUA	32816	31032	94,6	-10835	-33,0	12619	38,5
RUSSIA	21306	43485	204,1	-13038	-61,2	-9141	-42,9
UCRÂNIA	24270	13284	54,7	21421	88,3	-10435	-43,0
ARGENTINA	13388	8497	63,5	4970	37,1	-79	-0,6
JAPÃO	17620	31236	177,3	-23506	-133,4	9891	56,1
ALEMANHA	431	17592	4081,7	4003	928,8	-21164	-4910,5
REINO UNIDO	20663	10378	50,2	2014	9,7	8271	40,0
OUTROS PAÍSES	121371	88615	73,0	4549	3,7	28206	23,2
TOTAL	251865	244119	96,9	-10421	-4,1	18167	7,2

Fonte: Resultados da pesquisa

Elaboração da autora

* Participação de cada efeito na variação das exportações

O crescimento do comércio mundial foi o efeito mais relevante para o aumento das exportações de café solúvel. Tal situação já poderia ter sido observada, em razão do grande crescimento das exportações mundiais de café solúvel nesse período (92%). Verifica-se um crescimento efetivo das exportações brasileiras de café solúvel para todos os países.

Esse efeito do comércio mundial pode ser explicado pela tendência de crescimento do consumo de bebidas prontas, como é o caso do café solúvel. Essa tendência é explicada pela mudança nos hábitos de consumo, em casa ou fora de casa, em países emergentes.

Por ser rápido e simples, o café solúvel tem sido tradicionalmente o pioneiro na abertura de mercados pouco habituados ao consumo do café, como já ocorreu em vários países. São exemplos, os tradicionais mercados China e Japão, os quais vêm transferindo o hábito de tomar chá para o de beber café solúvel.

O efeito competitividade positivo demonstra uma melhora na competitividade do café solúvel brasileiro, mesmo com o retorno, em 2007, da taxa de 9% sobre esse café, imposta pela UE.

Uma característica da exportação de café solúvel brasileiro é a venda a granel, mesmo a comercialização nessa forma, tendo sempre menor valor do que as embalagens com marcas próprias. Já que há taxação do café solúvel brasileiro no mercado internacional e a competitividade em preço fica comprometida, a venda a granel é tida como uma estratégia de crescimento das exportações.

Em 2003, EUA e Alemanha foram os maiores importadores do café solúvel brasileiro, demandando quase que unicamente o café solúvel a granel. Isso ocorre, porque esses países importam café solúvel a granel do Brasil e reexportam o produto embalado.

Por fim, o efeito destino das exportações negativo e em maior magnitude que no período II, isso implica em dizer que as exportações

brasileiras de café solúvel foram destinadas a mercados que cresceram a taxas inferiores à média mundial, ou seja, países pouco dinâmicos. EUA, Rússia e Japão foram os países que reduziram sua demanda por café solúvel, contribuindo para esse efeito negativo.

A análise do modelo CMS, nos três períodos, permitiu observar que há falhas nas políticas e estratégias internas para abertura de novos mercados internacionais. Mesmo que a participação do Brasil nas exportações mundiais de café solúvel tenha crescido, há dificuldade de competir com os concorrentes europeus e norte-americanos, pelo que já foi exposto.

O Brasil um dos principais produtores de matéria - prima para a fabricação do café solúvel poderá protagonizar a oferta exigida pela expansão do consumo de café solúvel no mundo. Isso, desde que as barreiras internas e externas - tarifas discriminatórias, cobrança de ICMS na compra de matéria-prima e proibição do *drawback* – sejam eliminadas. Cabe, então, ao governo brasileiro tomar medidas cabíveis que estimulem o crescimento da exportação brasileira de café solúvel. Produto esse, que permite agregar valor ao café verde e gerar mais divisas ao país.

6 CONCLUSÕES

Conduziu-se este estudo, com o objetivo de analisar os fatores que contribuíram para o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel, no período de 1991 a 2010, com base nos resultados obtidos por meio dos modelos Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e *Constant market share* (CMS).

O Brasil apresenta vantagem comparativa revelada nas exportações de café solúvel, porém o que se verifica é que o país vem reduzindo sua participação em relação à média mundial. Em se tratando dos efeitos que mais contribuíram para o desempenho das exportações de café solúvel do Brasil, a competitividade foi o mais importante, principalmente no primeiro e segundo períodos estudados. O efeito crescimento do comércio mundial também teve participação significativa, sobretudo no terceiro período.

O desempenho das exportações mostrou-se condicionado à existência de vantagem comparativa e dependente do crescimento das exportações mundiais de café solúvel, uma vez que, o Brasil não apresenta competitividade nas exportações desse produto.

Os resultados indicam que o desempenho das exportações brasileiras de café solúvel não está sendo satisfatório. Necessita-se, portanto, de maiores investimentos e políticas setoriais voltados para a indústria brasileira de café solúvel, além de direcionamento das exportações para mercados mais dinâmicos. Assim, pode-se ter um melhor desempenho no mercado internacional.

Sugere-se a realização de outros estudos para uma análise mais aprofundada dos fatores que têm influenciado no baixo desempenho e na redução do *market share* das exportações brasileiras de café solúvel.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ SOLÚVEL. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.abics.com.br>>. Acesso em: 15 abr. 2013.
- BALASSA, B. **Trade liberalization and revealed comparative advantage**. Manchester: The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.
- BECKER, D. F. Competitividade: o des(caminho) da globalização econômica. **Revista Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, v. 5, n. 9, p. 7-26, 1997.
- BRANDO, C. H. J.; LIMA, A. J. Perspectivas para os próximos 10 anos. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 11, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.agroanalysis.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Dados estatísticos**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2013a.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **ALICEWEB/MDIC**: estatísticas. Disponível em: <<http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2013b.
- CAIXETA, G. Z. T.; LEITE, C. A. M.; OLIVEIRA, A. M. Tendências do mercado de café no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 173-196, abr./jun. 1989.
- CARVALHO, F. M. A. **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. 1995. 126 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 1995.
- CARVALHO, R. M.; CUNHA FILHO, M. H. Competitividade da fruticultura brasileira no comércio internacional. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, MG, v. 5, n. 4, p. 547-566, 2007.
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Levantamento de safra**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

CORONEL, D. A. **Fontes de crescimento e orientação regional das exportações brasileiras do complexo soja**. 2008. 112 p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CORONEL, D. A.; MACHADO, J. A. D.; CARVALHO, F. M. A. Análise da competitividade das exportações brasileiras de 1995 a 2006: uma abordagem de *market-Share*. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 281-307, maio/ago. 2009.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: sistema de indicadores da competitividade**. Campinas: UNICAMP, 1993. 191 p.

CUNHA FILHO, M. H. C. **Competitividade da fruticultura brasileira no mercado internacional**. 2005. 112 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

DIZ, L. A. C. **Competitividade internacional das exportações brasileiras de manga e de uva**. 2008. 95 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 2008.

DUQUE, H. **A guerra do café solúvel**. Rio de Janeiro: Graal, 1970. 157 p.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Os desafios do café solúvel brasileiro**. Disponível em:
<<http://www.sapc.embrapa.br/index.php/ultimas-noticias/os-desafios-do-cafe-soluvel-brasileiro>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

FAJNZYLBER, F. Competitividad internacional: evolución y lecciones. **Revista de la Cepal**, Santiago de Chile, n. 36, p. 7-24, 1988.

FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no agribusiness brasileiro: introdução e conceitos**. São Paulo: IPEA/PENSA/USP, 1998. v. 1, 79 p.

FASANO FILHO, U. Uma Comparação entre o índice de vantagem comparativa de Bowen e o tradicional índice de vantagem comparativa revelada: o caso brasileiro. **Pesquisa Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 457-470, ago. 1987.

FERREIRA, C. Demanda por solúvel muda comércio de café. **Valor Econômico**, São Paulo, 15 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/3046364/demanda-por-soluvel-muda-comercio-de-cafe>>. Acesso em: 20 abr. 2013a.

FERREIRA, C. Indústria de café solúvel amarga mais um ano de fraqueza. **Valor Econômico**, São Paulo, 18 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2974914/industria-de-cafe-soluvel-amarga-mais-um-ano-de-fraqueza>>. Acesso em: 11 abr. 2013b.

FIORAVANÇO, J. C.; PAIVA, M. C. Competitividade e fruticultura brasileira. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 32, n. 7, p. 24-40, jul. 2002.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **FAOSTAT**. Disponível em: <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

GASQUESZ, J. G.; CONCEIÇÃO, J. C. **Indicadores de competitividade e de comércio exterior da agropecuária brasileira**. Brasília: IPEA, 2002. 97 p. (IPEA. Texto para Discussão, 908). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2002/td_0908.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2013.

GONÇALVES, J. S. et al. Competitividade e complementaridade dos complexos de frutas e hortaliças dos países do Cone Sul: discussão sob a ótica da inserção brasileira. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1-52, 1995.

GOPINATH, M. et al. Agricultural competitiveness: the case of the united states and major countries. **Agricultural Economics**, Malden, v. 16, n. 2, p. 99-109, May 1997.

HAGUENAUER, L. **Competitividade conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 21 p. (Texto para Discussão, 211). Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/gic/pdfs/1989-1_Haguenauer.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.

HIDALGO, A. B.; MATA, D. F. P. G. da. Competitividade e vantagens comparativas do nordeste brasileiro e do Estado de Pernambuco no comércio internacional. In: ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA, 9.; FÓRUM BNB DE DESENVOLVIMENTO, 9., 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: BNB, 2004. 1 CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries estatísticas**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 9 abr. 2013.

INTERNATIONAL COFFEE COUNCIL. **Comércio mundial de café** solúvel. Disponível em: <<http://www.dev.ico.org/documents/cy2012-13/icc-110-5p-soluble.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Historical data**. Disponível em: <<http://www.ico.org>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

JANK, M. S. **Competitividade do agribusiness brasileiro**: discussão teórica e evidências no sistema de carnes. São Paulo: FEA-USP, 1996. 195 p.

LAURSEN, K. **Revealed comparative advantage and the alternatives as measures of international specialization**. Copenhagen: Danish Research Unit for Industrial Dynamics, 1998. 12 p. (Working Paper, 98-30).

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. **Quantitative international economics**. Chicago: Allyn and Bacon, 1970. 209 p.

MALTA, M. M. **Papel do café solúvel na abertura de mercados para o café brasileiro**. Patrocínio: ABICS, 2006. 12 p.

MARTIN, L.; WESTGREN, R.; DUREN, E. van. Agribusiness competitiveness across national boundaries. **American Journal of Agricultural Economics**, Saint Paul, v. 73, n. 5, p. 1456-1464, Dec. 1991.

NEVES, L. W. A. **Fazer ou comprar**: uma análise sob a perspectiva das teorias da Economia dos Custos de Transação e da Visão Baseada nos Recursos. 2009. 170 p. Tese (Doutorado em Engenharia Industrial) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

NEVES, L. W. A. Plataforma de exportação de café solúvel. **Revista do Café**, Rio de Janeiro, n. 815, p. 15-17, set. 2005.

NEVES, L. W. A. Proibição nociva ao interesse nacional. **Revista do Café**, Rio de Janeiro, n. 858, p. 25-26, dez. 2008.

NIRO COFFEE. **The drink that change the World**. Disponível em: <<http://www.niro.com/niro/CMSDoc.nsf/WebDoc/ndkw6w6gfk>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

NISHIJIMA, M.; SAES, M. S. M. Análise econômica das barreiras tarifárias ao café solúvel brasileiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SOBER, 2006. 1 CD-ROM.

NISHIJIMA, M.; SAES, M. S. M. Tariff discrimination on Brazil's soluble coffee: an economic analysis. **Revista de Economia Política**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 293-309, 2010.

OFFICIAL JOURNAL OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. **Council Regulation (EC) n. 2165, L 292**. Geneva, 2001. 2 p.

ORANJE, M. M. S. **Competitividade das frutas brasileiras no comércio internacional**. 2003. 112 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2003.

PONCIANO, N. J. **Segmento exportador da cadeia agroindustrial do café brasileiro**. 1995. 128 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 1995.

PORTER, M. **The competitive advantage of nations**. New York: The Free, 1990. 897 p.

PORTER, M. E. **On competition**. Harvard: The Harvard Business Review, 1999. 518 p. (The Harvard Business Review Book Series).

PORTER, M. E. **The competitive of nations advantage of nations**. Harvard: The Harvard Business Review, 1998. 850 p. (The Harvard Business Review Book Series).

REQUIÃO, R. **Curso de direito comercial**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1991. v. 1, 602 p.

RICHARDSON, J. D. Constant market shares analysis of export growth. **Journal of International Economics**, New York, v. 1, p. 227-239, 1971.

RIGAUX, L. R. Market-share analysis applied to Canadian wheat exports. **Canadian Journal of Agricultural Economics**, Quebec, v. 19, n. 1, p. 22-34, July 1971.

SAES, M. S. M. **A racionalidade econômica da regulamentação do mercado de café**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1997. 154 p.

SAES, M. S. M.; NISHIJIMA, M. Drawback para o café solúvel brasileiro: uma análise de mercado. **Revista de Economia Mackenzie**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 141-174, abr. 2007.

SALVATORE, D. **Economia internacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 362 p.

SAOUD, R. Café robusta não é mais um coadjuvante. **Revista do Café**, Rio de Janeiro, n. 838, p. 28-29, jul. 2011.

SEREIA, V. J.; CAMARA, M. R. G.; CINTRA, M. V. Competitividade internacional do complexo cafeeiro brasileiro e paranaense. **Ciências Agrárias**, Londrina, v. 29, n. 3, p. 557-578, jul./set. 2008.

SILVA, C. R. L.; CARVALHO, M. A. Fontes de crescimento das exportações agrícolas brasileiras. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., 2003, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: SOBER, 2003. 1 CD-ROM.

SILVIA, F. A. et al. Competitividade das exportações brasileiras de mamão, 1995 a 2008. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, MG, v. 9, n. 3, p. 393-420, 2012.

SMITH, A. **The wealth of nations**. New York: The Modern Library, 1937. 976 p.

SOUZA, A. S. et al. Café solúvel brasileiro e o aquecimento do mercado de robusta. **Revista Cafeicultura**, Patrocínio, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php/index.php?tipo=ler&mat=48512&cafe-soluvel-brasileiro-e-o-aquecimento-do-mercado-de-robusta.html>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

STALDER, S. H. G. M. **Análise da participação do Brasil no mercado internacional de açúcar**. 1997. 121 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 1997.

TOMICICH, F. A. **Competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas**. 1999. 95 p. Tese (Doutorado em Economia Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 1999.

TYLER, W. **Manufactured export expansion and industrialization in Brazil**. Tuebingen: Mohr & P. Siebeck, 1976. 373 p. (Kieler Studien, 134.)

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Production, supply and distribution online**. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/psdonline/psdquery.aspx>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

VASCONCELOS, C. R. F. Padrão de especialização do fluxo de comércio exterior do Rio Grande do Sul na década de 1990. In: ENCONTRO DE ECONOMISTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 5., 2003, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2003. 1 CD-ROM.

VICENTE, J. R. Competitividade do agronegócio brasileiro, 1997-2003. **Agricultura São Paulo**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19, jan./jun. 2005.

VITTI, A. **Análise de competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional**. 2009. 107 p. Dissertação (Mestrado em Economia) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 2009.

WILLIANSOM, J. **A economia aberta e a economia mundial**: um texto de economia internacional. 5. ed. São Paulo: Campus, 1997. 416 p.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Statistics database**. Disponível em: <<http://wto.org>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

ZYLBERSTAJN, D. et al. **O sistema agroindustrial do café**: um estudo da organização do agribusiness do café visto com a chave da competitividade. Porto Alegre: Ortiz, 1993. 277 p.